

# **A TEMPESTADE**

de William Shakespeare

Tradução de José Rubens Siqueira

## Os Personagens da Peça

Alonso, Rei de Nápoles

Sebastião, seu irmão

Próspero, o verdadeiro Duque de Milão

Antonio, seu irmão, o Duque de Milão usurpador

Ferdinando, filho do Rei de Nápoles

Gonçalo, velho e honesto conselheiro

Adriano e Francisco, nobres

Calibã, escravo selvagem e disforme

Trinculo, bobo da Corte

Estêvão, mordomo bêbado

Capitão do navio

Contramestre

Marinheiros

Miranda, filha de Próspero

Ariel, um espírito do ar

Iris

Ceres

Juno

Ninfas

Camponeses

A cena: uma ilha desabitada

Ato I

Cena 1

*Ouve-se um ruído tempestuoso de raios e trovões.*

*Entram o Capitão e o Contramestre*

Capitão - Contramestre!

Contramestre - Pronto, capitão. Tudo bem?

Capitão - Bem. Fale você com os marinheiros. Depressa, senão a gente encalha. Rápido, rápido!

*Sai o Capitão.*

*Entram Marinheiros.*

Contramestre - Vamos lá, meninada! Força, força! Depressa! Recolhendo a vela grande. Olha o apito do capitão. *(para a tempestade)* Pode soprar até acabar teu vento, enquanto eu tiver espaço pra navegar!

*Entram Alonso, Sebastião, Antonio, Ferdinando, Gonzalo e outros.*

Alonso - Vá com cuidado, contramestre! O capitão onde está? Sejam homens, vocês!

Contramestre - Por favor, pra baixo.

Antonio - Cadê o capitão?

Contramestre - Não está ouvindo ele? Estão atrapalhando o serviço. Pras cabines. Estão ajudando a tempestade.

Gonçalo - Respeito, meu amigo. Tenha calma.

Contramestre - Só quando o mar tiver. Pra fora! Acha que essas ondas estão ligando pro seu rei? Pra cabine! Quietos! Não estorvem a gente.

Gonçalo - Está bom. Mas não esqueça quem é que está a bordo.

Contramestre - Ninguém que eu goste mais que de mim mesmo. O senhor, que é conselheiro, se for capaz de aquietar os elementos e sossegar essa confusão, a gente não toca mais nas cordas. Use a sua autoridade. Se não é capaz, dê graças de ainda estar vivo e vá se aprontar na sua cabine, porque ainda pode acontecer o pior. *(para os Marinheiros)* Força, meninada! *(para os nobres)* Fora daqui, já disse!

*Sai.*

Gonçalo - O que me sossega é que esse sujeito não tem a marca do afogado - a cara dele é fôrca pura. Que a corda do seu destino nos segure porque as nossas não estão adiantando muito.

*Saem os nobres.*

*Entra o Contramestre.*

Contramestre - Baixem o mastro! Depressa! Pra baixo, pra baixo! Virando contra o vento! *(um grito fora de cena)* Droga de gritaria! Fazem mais barulho que o trovão, ou que o nosso serviço.

*Entram Sebastião, Antonio e Gonçalo.*

De novo? Que é que estão fazendo aqui? Vamos desistir e afogar? Querem que a gente afunde?

Sebastião - Cala essa boca, cachorro desgraçado! Pare de latir!

Contramestre - Trabalhem vocês, então.

Antonio - Vá se enforcar, desgraçado, morra, filho da puta gritão! Temos menos medo de morrer do que você.

*Saem os Marinheiros.*

Gonçalo - Garanto que afogado ele não morre, nem que o navio fosse uma casca de noz, vazando mais que uma moça desprevenida.

Contramestre - Alinha no vento! No vento! Voltando pro alto mar; força!

*Entram Marinheiros molhados.*

Marinheiros - Acabou! Deus nos ajude! Está tudo perdido!

*Saem.*

Contramestre - O que? Vamos beber água?

Gonçalo - O Rei e o Príncipe estão rezando, vamos lá com eles, que estamos todos na mesma situação.

Sebastião - Eu ainda vou perder a paciência.

Antonio - Vamos morrer por causa desses bêbados. (*para o Contramestre*) Bandido desgraçado, há de se afogar debaixo de dez marés!

*Sai o Contramestre.*

Gonçalo - Vai ser é enforcado, nem que cada gota d'água diga o contrário e o mar se abra para engolir o pobre.

*Um ruído confuso fora de cena.*

*"Piedade!" - "Tá afundando, tá afundando!" - "Adeus mulher, adeus meninos!" - "Adeus, meu irmão!" - "Tá afundando! Afundando! Afundando!"*

Antonio - Vamos afundar junto com o Rei.

Sebastião - Vamos despedir dele.

*Saem Antonio e Sebastião.*

Gonçalo - Eu daria mil braças de mar por um acre de terra seca - mesmo que fosse cheio de urtiga, de espinheiro, qualquer coisa. Que seja feita a vontade do céu, mas eu bem que preferia morrer de morte seca.

*Sai.*

## Cena 2

*A ilha.**Entram Prospero e Miranda.*

- Miranda - Se com o seu poder, meu pai, foi o senhor que agitou assim as águas, faça parar essa fúria selvagem. O céu parece piche derretido que vem se apagar nas ondas. Ai, como sofri junto com quem eu vi sofrer! Um belo navio, que com certeza tinha lá dentro alguma nobre criatura, se espatifar assim! Senti os gritos dentro do meu coração! Coitados, devem ter morrido. Se eu tivesse o poder de um deus, tinha feito o mar sumir dentro da terra, para não engolir assim um navio tão bom com todas as almas que levava.
- Prospero - Calma. Chega de aflição. Diga ao seu coração que não houve nada de mal.
- Miranda - Que dia triste!
- Prospero - Nada de mal. Tudo o que fiz foi por você, você, minha filha, que não sabe o que é, nem de onde eu venho, nem quem sou eu, nem que eu sou mais que o Próspero dono desta gruta e simplesmente seu pai.
- Miranda - Nunca pensei que tinha mais do que isso para saber.
- Prospero - É hora de te informar então. Me ajude aqui com o meu manto mágico. Assim. Fique aí, minha arte. E você, enxugue os olhos. Sossegue. Esse espetáculo horrível do naufrágio, que encheu de pena o seu virtuoso coração, fui eu, com a minha arte, que comandi, mas com o cuidado de que ninguém - nada, nem um fio de cabelo se perdesse das criaturas que você ouviu gritar, do navio que você viu afundar. Sente aí. Pois agora vai ter de saber mais.
- Miranda - Tantas vezes o senhor começa a me contar o que eu sou, mas sempre para no meio, me deixa cheia de perguntas sem resposta e diz: "Calma. Ainda é cedo."
- Prospero - Pois chegou a hora. Agora é o momento certo para você abrir os seus ouvidos. Obedeça e preste atenção. Consegue lembrar de alguma coisa antes desta gruta? Acho que não... Você não tinha ainda nem três anos.
- Miranda - Claro que lembro!
- Prospero - Do quê? De alguma outra casa ou pessoa? Me conte que imagem ficou na sua lembrança.
- Miranda - É muito longe e mais parecido com um sonho que com uma certeza. Eu não tinha quatro ou cinco mulheres que cuidavam de mim?

- Prospero - Tinha. E mais ainda, Miranda. Mas como é que isso ainda vive na sua mente? O que mais você enxerga no abismo escuro do tempo que passou? Se ainda lembra do que aconteceu antes de vir para cá, deve lembrar como chegou aqui.
- Miranda - Disso eu não lembro.
- Prospero - Há doze anos, Miranda, doze anos, o Duque de Milão era seu pai e um nobre muito poderoso.
- Miranda - Então, não é o senhor o meu pai?
- Prospero - Sua mãe, que era um modelo de virtude, me disse que você era minha filha, sim, e que seu pai era o Duque de Milão, e a sua única herdeira uma princesa não menos nobre.
- Miranda - Ah! E porque foi que nós saímos de lá? Isso foi ruim? Foi bom?
- Prospero - As duas coisas, minha filha. Foi ruim, como você diz, porque saímos de lá, mas foi bom porque viemos parar aqui.
- Miranda - Ai, me dói o coração só de pensar no trabalho que te dei. Continue, pai.
- Prospero - Meu irmão, seu tio, que se chama Antonio - preste atenção e veja como um irmão pode ser tão traiçoeiro! - ele, que eu amava neste mundo tanto quanto amo você, a ele eu entreguei o controle do meu ducado, que era o primeiro entre os primeiros e Próspero o primeiro dos duques, o de maior nobreza e sem igual nas artes liberais. Como só o estudo é que me interessava, entreguei o governo ao meu irmão e fui ficando um estranho em minha própria terra, possuído, devorado por meus estudos secretos. Seu tio, o falso... Está me ouvindo?
- Miranda - Com a maior atenção.
- Prospero - Quando seu tio aprendeu bem como atender favores, como negar, quem promover e quem desdenhar, foi conquistando para ele os súditos que eram meus, quer dizer, ou mudava os funcionários ou transformava a cabeça deles. Como tinha na mão os instrumentos do poder, fazia todos dançarem conforme a sua música. E como a trepadeira que esconde o tronco nobre em que se agarra, ele sugou a minha seiva. Você não está ouvindo.
- Miranda - Estou sim, senhor.
- Prospero - Escute bem. Eu deixei de lado as coisas do mundo, mergulhei em solidão e desenvolvi minha mente com estudos que, apesar do isolamento, são os mais altos que existem. E assim despertei o lado mau do meu irmão. Nasceu dentro dele uma falsidade tão grande quanto a minha confiança. A minha confiança não tinha limites, era infinita. E assim, com todos os rendimentos do meu ducado e tudo o que o meu poder podia conseguir, ele, como um mentiroso que acaba acreditando na mentira, acreditou que

era o duque de verdade. Ao me substituir, agindo com toda a aparência de nobreza, com todos os privilégios que aumentavam a sua ambição... Está me ouvindo?

Miranda - A sua história, pai, pode curar um surdo.

Prospero - Para afastar qualquer obstáculo entre ele próprio e esse papel que ele representava, precisava se sentir senhor absoluto. Para mim, pobre de mim, a minha biblioteca já era um reino bem grande. Ele me considera incapaz para as coisas do mundo e, sedento de poder, se alia ao Rei de Nápoles, paga tributo anual, rende homenagens, sujeita o ducado, até então altivo - pobre Milão! - à mais infame submissão.

Miranda - Ai!

Prospero - Preste atenção e me diga se isso é um irmão.

Miranda - Seria pecado desconfiar da minha avó, mas um ventre bom pode dar filhos maus.

Prospero - Escute a história. O rei de Nápoles, meu inimigo ferrenho, aceita a proposta do meu irmão. Em troca das promessas de homenagem e não sei quanto em tributo, promete arrancar a mim e aos meus do meu ducado e entregar a pobre Milão, com todas as suas honras, ao meu irmão. E assim, à meia-noite de uma data marcada, reunindo uma tropa traiçoeira, Antonio abriu as portas de Milão e, na calada da noite, fui arrancado de lá, junto com você, chorando.

Miranda - Ai, que pena! Não me lembro de ter chorado então, mas podia chorar agora.

Prospero - Escute um pouco mais que depois explico o que está para acontecer agora, e você vai ver que esta história faz sentido.

Miranda - Por que não nos mataram logo?

Prospero - Boa pergunta, filha. É a minha história que provoca essa curiosidade. Não tiveram coragem porque o meu povo me amava. E para não se mancharem com o nosso sangue, pintaram de cores mais claras o seu ato vil. Resumindo, nos botaram num navio e foram para alto mar onde tinham preparado um barco podre, sem aparelhagem, sem cordas, sem velas, sem mastro. Até os ratos tinham fugido dele. E nele nos deixaram, chorando para o mar que rugia para nós, suspirando para o vento que, de pena, suspirava de volta e acabou não nos fazendo mal.

Miranda - Nossa! Que problema eu devo ter sido para o senhor.

Prospero - Ah, você era um anjo que me protegia. E com uma força que vinha do céu, sorria enquanto eu salgava o mar com as minhas lágrimas, gemendo a minha dor, ganhando coragem para enfrentar o que ainda estava para vir.

Miranda - Como é que chegamos em terra?



Prospero - Pela divina providência. Tínhamos comida e água que um nobre napolitano, Gonçalo, encarregado dessa missão, por caridade nos deu junto com boas roupas, lençóis e muitas outras coisas que, depois, nos foram muito úteis. Sabendo que eu amava os meus livros, com a sua generosidade, me trouxe também, da minha biblioteca, alguns volumes mais valiosos para mim do que o meu ducado.

Miranda - Como eu queria conhecer esse homem!

Prospero - (*levantando-se*) Agora, de pé. Você, fique sentada e escute o fim da nossa viagem no mar: chegamos a esta ilha e aqui, como teu mestre, pude fazer por você mais do que outras princesas recebem com muito mais horas vagas e tutores menos cuidadosos.

Miranda - Que o céu te pague! Agora, pai, como não consigo pensar em outra coisa, me explique porque provocou essa tempestade.

Prospero - Vou te contar ainda mais. Por um estranho acaso, a sorte que agora me protege, trouxe os meus inimigos para estas praias. Com minha magia descobri que o meu destino estava sob uma boa estrela, cuja influência, se eu não aproveitar agora, se perderá para sempre. Agora chega de perguntas: você está com sono. Um sono bom, não resista. Você não tem escolha, eu sei.

*Miranda adormece.*

Prospero - (*chamando*) Venha, meu servo. Venha. (*coloca o manto*) Estou pronto agora. Apareça, Ariel. Venha.

*Entra Ariel.*

Ariel - Salve, grande mestre, meu senhor, salve! Aqui estou para atender as tuas ordens. Seja voar, nadar, mergulhar no fogo, galopar as nuvens. Para atender as tuas ordens poderosas, Ariel e seus irmãos.

Prospero - Então, espírito, fez a tempestade exatamente como eu te ordenei?

Ariel - Tintim por tintim. Acendi uma fogueira de aflição primeiro na proa, depois na popa, no convés, em cada cabine. Às vezes, me dividia e queimava em vários lugares: no mastro, no tombadilho, nas velas eu brilhava separado, depois me juntava de novo. Os raios de Júpiter, pais do trovão, não eram mais assustadores; estalos e relâmpagos tão fortes que faziam tremer as ondas de Netuno. É, até o tridente dele tremeu.

- Prospero - Meu bravo espírito! E quem foi tão forte e tão valente que não perdeu a cabeça com essa confusão?
- Ariel - Ninguém escapou da febre de loucura e desespero. Todos, menos os marinheiros, pularam na água agitada, abandonando o navio todo incendiado de mim: Ferdinando, o filho do Rei, com o cabelo todo arrepiado assim, foi o primeiro a saltar, gritando: "O inferno está vazio e os diabos estão todos aqui".
- Prospero - Isso, espírito meu! E aconteceu perto da praia?
- Ariel - Bem perto, mestre.
- Prospero - E eles, Ariel, estão salvos?
- Ariel - Não perderam nem um fio de cabelo. Suas roupas não têm nem uma mancha, estão melhores que antes. E, conforme o senhor pediu, separei todos em grupos pela ilha. O filho do Rei eu deixei sozinho, refrescando o ar com os seus suspiros, num canto solitário, com os braços cruzados, triste assim.
- Prospero - Me conte o que fez com os marinheiros do navio do Rei e com o resto da frota.
- Ariel - O navio do Rei está em segurança, naquele lugar onde o senhor me chamou uma vez, à meia-noite, para colher orvalho das tempestuosas Bermudas, é lá que está escondido. Os marinheiros, bem trancados no porão, estão todos dormindo por causa de um encanto que eu fiz além de todo o trabalho que tiveram. O resto da frota primeiro eu dispersei, depois se encontraram de novo e vão navegando pelo Mediterrâneo, tristes, na direção de Nápoles, achando que viram o navio do Rei afundar e a sua grande pessoa morrer.
- Prospero - Ariel, você cumpriu perfeitamente a sua tarefa. Mas temos mais trabalho. Que horas são?
- Ariel - Passa do meio-dia.
- Prospero - Pelo menos duas horas. O tempo que nos resta até as seis da tarde é precioso para nós.
- Ariel - Mais trabalho? Já que vai me explorar, deixe eu lembrar ao senhor o que me prometeu e que ainda não cumpriu.
- Prospero - O que? Está zangado? O que é que você quer?
- Ariel - Minha liberdade.
- Prospero - Antes do prazo? Nunca.
- Ariel - Eu suplico. Lembre de tudo o que eu já fiz para o senhor, nunca contei mentiras, não fiz nada errado, obedeci sempre sem reclamar, nem protestar. O senhor prometeu que ia descontar um ano inteiro.

- Prospero - Já esqueceu o tormento de que eu te libertei?
- Ariel - Não.
- Prospero - Esqueceu, sim. E acha que é demais quando, para me servir, tem de pisar a lama do fundo do mar e cavalgar no vento frio do norte e mergulhar nas veias da terra queimada de gelo.
- Ariel - Não acho, não.
- Prospero - Está mentindo, coisa ruim! Já esqueceu a bruxa Sycorax que a idade e a inveja deixaram curvada feito um arco? Esqueceu dela?
- Ariel - Não, senhor.
- Prospero - Esqueceu, sim. Onde é que ela nasceu? Fale. Me diga.
- Ariel - Em Argel.
- Prospero - Ah, é mesmo? Uma vez por mês tenho de te lembrar o que já passou, porque você esquece. Essa maldita bruxa Sycorax, por suas muitas maldades e feitiços terríveis demais para se contar, foi banida de Argel, você sabe disso. E só por uma coisa é que não foi morta. Não é verdade?
- Ariel - É, sim, senhor.
- Prospero - Grávida, a bruxa de olhos roxos foi trazida para cá e abandonada pelos marinheiros. Você mesmo me contou, escravo, que era então criada dela, mas que por ser um espírito muito delicado para obedecer os seus medonhos e lodosos mandamentos, recusando as suas ordens, ela então te prendeu, por obra dos seus potentes ministros e insaciável raiva, na fenda de um pinheiro. E nessa fenda, preso, você ficou doze anos, sofrendo. E nesse tempo ela morreu, deixando você lá, soltando os seus gemidos como um moinho que guincha. Esta ilha era, então, deserta de seres humanos, a não ser pelo filhote manchado que ela pariu aqui.
- Ariel - Isso. Calibã, seu filho.
- Prospero - Essa coisa embotada, esse Calibã que eu tenho agora a meu serviço. Você sabe melhor do que ninguém o tormento em que eu te encontrei. Seus gritos faziam o lobo uivar e penetravam o coração do urso mais feroz. Era um tormento que só se dá aos condenados e que Sycorax não podia mais desfazer. Foi a minha arte, quando aqui cheguei e te ouvi, que abriu o pinheiro e te libertou.
- Ariel - Eu agradeço, mestre.
- Prospero - Se resmungar mais, faço uma fenda num carvalho e te prego lá dentro das entranhas nodosas até você uivar mais doze invernos.

Ariel - Perdão, mestre. Eu vou cumprir as suas ordens e fazer minha espitação com a maior boa vontade.

Prospero - Faça isso e dentro de dois dias eu te libero.

Ariel - Esse é o meu nobre mestre! O que é que eu tenho de fazer? Diga o que: o que é que eu tenho de fazer?

Prospero - Vá. Vire uma ninfa do mar. Não se mostre a nenhum olhar a não ser o seu e o meu, invisível a todos os outros olhos. Vá, tome essa forma e volte aqui. Vá! Depressa!

*Sai Ariel.*

Prospero - *(para Miranda)* Acorde, meu coração, acorde. Você dormiu muito bem. Acorde.

Miranda - A sua história estranha me deu sono.

Prospero - Pois desperte e venha. Vamos ver Calibã, meu escravo, que nunca responde direito.

Miranda - É um monstro, pai. Não gosto nem de olhar para ele.

Prospero - Mas não podemos passar sem ele. Acende o nosso fogo, busca a lenha e até que nos serve bem. Ô, escravo! Calibã! Bicho da terra, responda!

Calibã - *(de fora de cena)* Já tem bastante lenha aí dentro.

Prospero - Venha cá, estou mandando. Tenho outro serviço para você. Venha, tartaruga. E então?

*Entra Ariel como uma ninfa da água.*

Prospero - Que bela aparição! Meu lindo Ariel, escute. *(sussurra em seu ouvido)*

Ariel - É pra já, meu amo.

Prospero - Escravo miserável, filho do diabo, por sua malvada mãe, venha cá!

*Entra Calibã.*

Calibã - Que o orvalho venenoso que a minha mãe colhia no pântano com pena de corvo caia em cima de vocês dois! Que o vento do sul cubra os dois de ferida!

Prospero - Por causa disso, você, de noite, vai ter câimbras e pontadas até ficar sem ar. E os duendes que trabalham no escuro, vão te picar como se fossem ouriços. E cada picada será maior que um favo de mel e mais doída que uma picada de abelha.

Calibã - Está na hora da minha comida. Esta ilha é minha porque era de Sycorax, minha mãe e você tirou ela de mim. Quando chegou aqui, você passava a mão na minha cabeça, me tratava bem. Me dava água de fruta. Me ensinou o nome do luzeiro maior que queima de dia e do menor que queima de noite. Eu gostei de você então. Te mostrei tudo que a ilha tinha de bom. Fonte de água fresca, poço de sal, terra seca, terra boa... Desgraçado que eu sou! Que todos os feitiços de Sycorax, sapos, besouros, morcegos caíam em cima de você! Agora sou escravo seu, eu, que antes era rei de mim. E me cercou aqui nesta pedra dura e tomou de mim o resto da ilha.

Prospero - Escravo mentiroso que só entende a chibata e nunca o agrado. Tratei você, imundo como é, com a maior humanidade e te deixei morar na minha gruta, até você tentar violar a honra da minha filha.

Calibã - Ha, ha, ha, ha, ha! Pena que não deu! Você que não deixou. Encher a ilha de Calibãs.

Miranda - Escravo nojento, que não conhece a bondade, capaz de todo mal! Eu tive pena de você e me esforcei pra te fazer falar, te ensinando toda hora uma coisa ou outra. Quando você não entendia nem quem era e só grunhia feito uma coisa bruta, fui eu que dei para cada impulso seu uma palavra, um nome conhecido. Mas o seu mau caráter, apesar de você aprender, não te deixa viver do lado de gente de bem. Por isso é que você foi preso nessa pedra e merecia ainda mais que essa prisão.

Calibã - Você me ensinou a falar. A vantagem agora é que eu sei praguejar. Que a peste vermelha te pegue por me ensinar a falar!

Prospero - Cria de bruxa, saia! Traga lenha. E depressa porque tenho outro serviço para você. Não vai, peste? Se não obedecer ou cumprir de má vontade a minha ordem, te deixo mais torto do que um velho, encho os teus ossos de dores e te faço gemer tão alto que até as feras vão se assustar.

Calibã - Não, eu suplico. (*à parte*) Tenho de obedecer. O poder dele é tão grande que é capaz de escravizar até Setebos, o deus da minha mãe.

Prospero - Vai, escravo!

*Sai Calibã.*

*Entra Ferdinando. E Ariel invisível, tocando e cantando.*

Ariel - (*canta*) Vem pra esta areia mansa,  
vem para a dança,  
no silêncio a beijar

ondas do mar.

Faz suave a caminhada

que a boa fada

te ampara. Atenção!:

Uau-au.

Escuta o cão:

Uau-au.

Escuta! Eu calo

porque ouço o canto do galo:

cocoricó

cocoricó.

Ferdinando - De onde vem essa música? Do céu? Da terra? Parou agora. Vem, decerto, de algum deus desta ilha. Sentado na praia, chorando o naufrágio do rei meu pai, foi essa música que me puxou da água, acalmando a fúria do mar e a minha dor com a sua doçura. Vim atrás dela, ou melhor, ela me trouxe. Mas acabou. Não, começou de novo.

Ariel - (*canta*) Teu pai no fundo do mar

tem os ossos de coral,

pérolas em vez de olhar;

mas tudo o que é mortal

o mar transforma em ganho,

em algo rico e estranho.

Ninfas do mar, com cuidados,

ding-dong

tocam sinos de finados,

ding-dong.

Ferdinando - A letra fala do meu pai afogado. Isso não é coisa humana, nem música da terra. Estou ouvindo. Bem aqui em cima de mim.

Prospero - (*para Miranda*) Abra as cortinas dos teus olhos e diga o que está vendo ali.

Miranda - O que é? Um espírito? Como procura! Como é bonito! Deve ser um espírito.

Prospero - Não, filha, ele come e dorme e tem os mesmos sentidos que nós temos - os mesmos. Esse galante cavalheiro estava no navio e apesar de um pouco marcado pela tristeza, que é o cancro da beleza, pode-se dizer que é um homem de bem. Perdeu os companheiros e está perdido à procura deles.

- Miranda - Deve ser divino. Na natureza, nunca vi nada que fosse assim tão nobre.
- Prospero - (*à parte*) Estou vendo que tudo vai dar certo, bem como eu queria. (*para Ariel*) Espírito, belo espírito, por causa disso eu te liberto dentro de dois dias.
- Ferdinando - Por certo é a deusa, dona desses cantos. (*para Miranda*) Atenda minhas preces e me diga se mora nesta ilha, e me ensine como é que eu devo me portar aqui. O meu primeiro pedido, que eu faço por último - oh, maravilha! - é saber se é uma donzela ou o quê?
- Miranda - Maravilha não sou, mas sou donzela, sim.
- Ferdinando - A minha língua! Ai! Eu seria o principal dos que falam essa língua, se estivesse onde ela é falada.
- Prospero - Como o principal? O que seria de você se o Rei de Nápoles te ouvisse?
- Ferdinando - Seria o mesmo que eu sou agora, surpreso de ouvir falar de Nápoles. Ele está me ouvindo e por isso choro: eu agora sou Nápoles que através dos meus olhos, chorando sem parar, viu naufragar o Rei meu pai.
- Miranda - Ai, que pena!
- Ferdinando - É fato. E junto com ele todos os seus nobres e o Duque de Milão com seu valente filho.
- Prospero - (*à parte*) O Duque de Milão e a sua ainda mais valente filha podiam te desmentir, se agora já fosse a hora. À primeira vista já estão trocando olhares. Doce Ariel, eu vou te libertar por isso. (*para Ferdinando*) Uma palavra, filho. Acho que está enganado. Um momento.
- Miranda - Por que meu pai fala assim tão duro? Este é o terceiro homem que vejo e o primeiro por quem suspiro. Que ele tenha, ao menos, pena do que eu sinto.
- Ferdinando - Ai, se for donzela e ainda não deu seu coração, eu te farei Rainha de Nápoles.
- Prospero - Calma, rapaz, uma palavra mais. (*à parte*) Os dois estão encantados um com o outro. Mas tenho de dificultar essa história para que a conquista fácil demais não diminua o valor do prêmio. (*para Ferdinando*) Uma palavra mais: vai ter de me escutar. Você usurpou esse título que não é seu e aqui veio como espião, para tirar de mim esta ilha de que sou senhor.
- Ferdinando - Não! Eu sou um homem!
- Miranda - Nada de mau pode habitar um templo assim e se um espírito mau tem casa tão bonita, os bons vão querer também morar com ele.
- Prospero - Venha comigo. (*para Miranda*) Você não fale por ele: é um traidor. (*para Ferdinando*) Venha, vou amarrar teus pés e teu pescoço. Tua bebida será a água do

mar, tua comida as conchas de água doce, raízes secas e bolotas de carvalho. Venha comigo.

Ferdinando - Não. Só aceito esse tratamento se o meu inimigo for mais forte.

*Tira a espada e, por encantamento, é imobilizado.*

Miranda - Ah, meu pai, não seja assim tão duro. Ele é valente, é bom.

Prospero - O que?! A filha mandando no pai? Levante a sua espada, traidor, que se exhibe, mas não tem coragem de atacar, tamanha é a culpa que tem na consciência. Baixe a sua guarda que eu, com a minha vara, posso arrancar a sua arma.

Miranda - Pai, eu suplico.

Prospero - Sai! Largue minha roupa.

Miranda - Pai, tenha piedade. Eu respondo por ele.

Prospero - Silêncio! Uma palavra mais e posso até te odiar. Vai defender um impostor? Quieta! Acha que não existe nenhum outro ser como esse porque só ele e Calibã foi que viu até agora. Menina, comparado aos outros homens, este é Calibã e os outros, perto dele, anjos.

Miranda - Meu sentimento, então, é muito humilde porque não tenho ambição de ver homem melhor.

Prospero - *(para Ferdinando)* Venha, obedeça. Seus nervos, agora, são de novo de criança e não têm mais força.

Ferdinando - É verdade. Meu espírito, como num sonho, está escravizado. A perda do meu pai, a fraqueza que sinto, a morte de todos os meus amigos, até as ameaças desse homem por quem estou dominado, serão leves para mim, se eu puder, desta minha prisão, uma vez por dia mirar essa donzela. Que a liberdade viva em todos os outros cantos da terra - o espaço desta prisão me basta.

Prospero - *(a parte)* Funciona. *(para Ferdinando)* Venha. *(para Ariel)* Muito bem, belo Ariel. Venha comigo e escute o que mais tem de me fazer.

Miranda - *(para Ferdinando)* Sossegue. Meu pai é bem melhor do que aparenta falando desse jeito. É muito estranho ele agir assim.

Prospero - *(para Ariel)* Você vai ser mais livre que os ventos da montanha, mas antes obedeça à risca o que eu te ordeno.

Ariel - Nos mínimos detalhes.

Prospero - *(para Ferdinando)* Venha comigo. *(para Miranda)* Não diga nada por ele.



*Saem.*

Ato II

Cena 1

*Entram Alonso, Sebastião, Antonio, Gonçalo, Adriano, Francisco.*

Gonçalo - *(para Alonso)* Alegria, meu rei, eu imploro. O senhor tem razão - todos temos - razão para nos alegrar: ganhamos muito mais do que perdemos. Nossa aflição é bem comum: todo dia alguma mulher de marinheiro, o dono de algum navio e dono da carga do navio passam pela mesma coisa. Mas de um milagre destes - o nosso salvamento, eu quero dizer - só um em mil pode falar. Então, meu rei, a nossa sorte até que compensa a nossa tristeza.

Alonso - Por favor, me deixe em paz.

Sebastião - *(à parte, para Antonio)* O consolo pra ele é como uma pá de terra no caixão.

Antonio - E o coveiro não desiste.

Sebastião - Olha lá, está dando corda no relóginho da cabeça. Já, já, vai badalar.

Gonçalo - Majestade...

Sebastião - Uma. Vamos contar.

Gonçalo - ... quando se encara assim o sofrimento, o sofredor acaba encontrando...

Sebastião - Ouro.

Gonçalo - Chôro. *(para Sebastião)* Chegou mais perto do que esperava.

Sebastião - E você reagiu melhor do que eu tencionava.

Gonçalo - *(para Alonso)* Então, majestade...

Antonio - Credo! Como gasta a língua!

Alonso - *(para Gonçalo)* Por favor, me poupe.

Gonçalo - Está bom. Eu me calo, mas...

Sebastião - *(para Antonio)* Ele não para de falar.

Antonio - Quem você aposta que vai cacarejar primeiro, ele ou Adriano?

Sebastião - O galo velho.

Antonio - Fico com o frango.

Sebastião - Certo. Valendo o que?

Antonio - Uma risada.

- Sebastião - Fechado.
- Adriano - Apesar da ilha parecer deserta...
- Antonio - Ha, ha, ha.
- Sebastião - Está pago.
- Adriano - Desabitada, quase inacessível...
- Sebastião - Ainda assim...
- Adriano - ...ainda assim...
- Antonio - *(para Sebastião)* Não podia deixar.
- Adriano - ... não é úmida demais, nem seca. É fresca, é bem gostosa.
- Antonio - *(para Sebastião)* Está falando de mulher?
- Sebastião - É. Nem úmida, nem seca, como ele diz, com conhecimento de causa.
- Adriano - *(para Gonçalo)* O ar que sopra na gente é bem saudável.
- Sebastião - Como se a ilha tivesse pulmões. Podres.
- Antonio - Com perfume de pântano.
- Gonçalo - *(para Adriano)* Tudo a favor da vida.
- Antonio - *(para Sebastião)* Certo, menos os meios de subsistência.
- Sebastião - Nada ou um pouco menos.
- Gonçalo - Como o capim é farto e alto! Como é verde!
- Antonio - E a terra tão parda!
- Sebastião - Com um toque de verde.
- Antonio - Ele não deixa passar nada.
- Sebastião - Só desfigura a verdade.
- Gonçalo - Mas a maravilha que quase não dá para acreditar...
- Sebastião - Como toda maravilha.
- Gonçalo - É que as nossas roupas, encharcadas como foram de água do mar, continuam bonitas e brilhantes, parecendo mais que foram tingidas de novo do que manchadas de sal.
- Antonio - Se um botão dele pudesse falar, não ia dizer que está mentindo?
- Sebastião - Ia. Ou então abotoava a boca dele.
- Gonçalo - Acho que a nossa roupa está mais nova do que quando a gente vestiu pela primeira vez, na África, no casamento de Claribel, filha do Rei, com o Rei de Túnis.
- Sebastião - Belo casamento. E mais bela ainda a nossa viagem de volta.
- Adrian - Túnis nunca teve antes rainha tão exemplar.
- Gonçalo - Desde o tempo da viúva Dido.
- Antonio - Viúva? Que diabo! Quem viu a uva? Foi Dido.

- Sebastião - E se ele inventasse de falar do “viúvo Enéas”? Meu Deus, que trocadilho você faria?
- Adriano - *(para Gonçalo)* Viúva Dido você disse? Isso dá o que pensar: ela era de Cartago, não de Túnis.
- Gonçalo - É que a Túnis de hoje foi Cartago.
- Adriano - Cartago?
- Gonçalo - Garanto, Cartago.
- Antonio - *(para Sebastião)* A palavra dele vale mais que a harpa milagrosa.
- Sebastião - Foi ele quem fez a muralha e as casas também.
- Antonio - Que proeza impossível ele agora vai realizar?
- Sebastião - É capaz de enfiar esta ilha no bolso e levar para o filho, feito uma maçã.
- Antonio - E se plantar as sementes dela no mar, nascem mais ilhas.
- Gonçalo - *(para Adriano)* É.
- Antonio - Até que enfim.
- Gonçalo - *(para Alonso)* Eu estava dizendo, majestade, que nossas roupas agora parecem tão novas quanto estavam em Túnis no casamento da sua filha, que agora é rainha.
- Antonio - A melhor que já existiu por lá.
- Sebastião - Que, insisto, bate a Viúva Dido.
- Antonio - Ah, a viúva Dido? É, a viúva Dido.
- Gonçalo - Não acha, majestade, que este gibão está mais novo que quando eu usei pela primeira vez? Quer dizer, de certa forma.
- Antonio - Esse "de certa forma" foi muito bem formulado.
- Gonçalo - Quando usei para o casamento da sua filha.
- Alonso - Você me enfia pelo ouvido palavras que os meus sentidos não aguentam mais. Antes não tivesse casado lá a minha filha, pois nesta viagem perdi meu filho. E ela também, tão longe da nossa terra que nunca mais vamos nos ver. Ah, meu herdeiro de Nápoles e Milão, que estranho peixe estará agora jantando o seu corpo?
- Francisco - Ele pode estar vivo, majestade. Eu vi quando batia as ondas, galopando em cima delas. Furava as águas sem medo do perigo e cortou no peito uma onda maior. Sempre com a cabeça fora d'água e remando forte com os braços na direção da praia que parecia pronta para receber o príncipe. Não duvido que tenha chegado vivo em terra firme.
- Alonso - Não, não. Ele partiu.

- Sebastião - Majestade, agradeça a si mesmo por essa grande perda. O senhor não quis abençoar a Europa com sua filha e preferiu que fosse entregue a um africano, banida agora, para sempre, dos seus olhos, que têm toda razão para chorar.
- Alonso - Me deixe em paz.
- Sebastião - Nós todos imploramos de joelhos. Até ela mesma, coitada, vacilou entre o asco e a obediência, sem saber para que lado pender a balança. Nós todos perdemos o seu filho para sempre, eu acho. Existem em Milão e Nápoles, agora, mais viúvas dos que os homens que vão chegar para consolar. E a culpa é sua.
- Alonso - Assim como a perda mais dura.
- Gonçalo - Dom Sebastião, tudo o que disse é certo, mas não é esse o tom, nem esta a hora. Está arranhando a ferida quando devia fazer o curativo.
- Sebastião - Tem razão.
- Antonio - Falou o médico.
- Gonçalo - (*para Alonso*) Quando o senhor fica assim enevoadado, majestade, sentimos todos nós o tempo brusco.
- Sebastião - Tempo brusco?
- Antonio - Muito brusco.
- Gonçalo - Tivesse eu o direito de cultivo desta ilha, majestade...
- Antonio - Plantava urtiga.
- Sebastião - E tiririca.
- Gonçalo - ... e fosse o rei dela, o que eu faria?
- Sebastião - Bêbado não ficava, por falta de vinho.
- Gonçalo - No meu governo eu faria tudo ao contrário. Não ia permitir nenhum tipo de comércio; nenhum título de juiz; ninguém saberia ler nem escrever; riqueza, pobreza e criadagem, nada disso; nada de contrato, de herança, de fronteira, de demarcação de terra, nem lavoura, nem pomar; nada de metal e milho e vinho e óleo; nenhum trabalho, os homens todos no ócio; e as mulheres também, mas inocentes e puras; nada de soberano...
- Sebastião - Mesmo assim ele seria rei.
- Antonio - No governo dele, o fim esquece o começo.
- Gonçalo - Tudo de todos e produzido sem suor nem esforço. Crime, traição, espada, lança, faca, arma, de engenho de guerra nenhum se ia precisar. A natureza se reproduzindo com toda fartura, com toda abundância para alimentar o meu povo inocente.
- Sebastião - Nada de casamento entre os súditos?

- Antonio - Nada, Sebastião, todo mundo vadiando - tudo puta e vagabundo.
- Gonçalo - Tão perfeito o meu governo, majestade, que superaria a idade de ouro.
- Sebastião - Salve sua majestade!
- Antonio - Viva Gonçalo!
- Gonçalo - E... O senhor está me ouvindo?
- Alonso - Por favor, basta. O que me diz não faz sentido.
- Gonçalo - Sua Alteza tem razão, mas só falei para divertir estes cavalheiros, que têm pulmões tão sensíveis e delicados que estão sempre rindo de nada.
- Antonio - Era de você que a gente ria.
- Gonçalo - Como em matéria de divertimento sou um nada para vocês, continuam rindo de nada.
- Antonio - Que belo golpe!
- Sebastião - E acertou em cheio o alvo.
- Gonçalo - Os cavalheiros são homens de valor. Eram capazes de desviar a órbita da lua, se ela resolvesse ficar cinco semanas sem mudar de fase.

*Entra Ariel, invisível, tocando música solene.*

- Sebastião - É verdade, e depois íamos caçar lunáticos.
- Antonio - *(para Gonçalo)* Não fique tão bravo, meu senhor.
- Gonçalo - Não, garanto que não perco a cabeça por qualquer coisa à toa. Podem rir para eu dormir. Estou com muito sono.
- Antonio - Pode deitar e ficar escutando.

*Todos dormem, menos Alonso, Sebastião e Antonio.*

- Alonso - O que? Já dormindo? Quem me dera que fechando os olhos eu fechasse também o pensamento. Parece que estou ficando com sono.
- Sebastião - Aproveite, majestade, e não resista ao convite. O sono quase nunca visita aquele que está triste e quando vem é um bom consolo.
- Antonio - Nós dois ficamos de guarda e cuidamos da sua segurança.
- Alonso - Agradeço. Que sono estranho.

*Alonso dorme. Sai Ariel.*

- Sebastião - Estranha essa sonolência deles!
- Antonio - Deve ser o clima.
- Sebastião - Então porque nós não sentimos? Eu não tenho a menor vontade de dormir.
- Antonio - Nem eu. Estou bem acordado. Dormiram todos juntos, como se tivessem combinado. Como que atingidos por um raio. O que seria, Sebastião, ah, o que poderia...? Não, basta. Mas acho que vejo na sua cara o que é que você poderia ser. Chegou a sua hora e, na minha imaginação, estou vendo uma coroa em cima da tua cabeça.
- Sebastião - O que? Está dormindo?
- Antonio - Não está me ouvindo?
- Sebastião - Estou. Mas é fala de sonho o que está dizendo, está falando dormindo. O que foi que você disse? Estranho sono esse, dormir de olhos abertos, andar, falar, mexer enquanto dorme profundamente.
- Antonio - Dom Sebastião, você é que está deixando a sorte dormir... ou morrer, fechando os olhos para esta oportunidade.
- Sebastião - Deve estar roncando, mas o teu ronco faz sentido.
- Antonio - Estou falando mais sério do que de costume. Faça como eu e me escute. Só tem a ganhar.
- Sebastião - O que? Estou boiando.
- Antonio - Eu te ensino a nadar.
- Sebastião - Depressa então. A minha preguiça hereditária ainda vai me afogar.
- Antonio - Ah! Se você soubesse o quanto gosta disso de que está caçoando. Quanto mais brinca, mais importante a coisa fica. O afogado afunda, na verdade, é por preguiça ou medo.
- Sebastião - Continue, por favor. Pela sua cara, pelo brilho do seu olho deve ser importante. O que é que dói tanto para dizer?
- Antonio - É o seguinte: este senhor de memória fraca, cuja memória o mundo vai apagar assim que for enterrado, quase conseguiu convencer - porque um homem assim convencido, só faz mesmo é convencer - o Rei de que o filho dele está vivo. É tão impossível ele estar vivo quanto esse aí nadar dormindo.
- Sebastião - Não tenho nenhuma esperança de ele estar vivo.
- Antonio - Ah, e dessa "nenhuma esperança" quanta esperança você pode tirar! Nenhuma esperança, por esse lado, é, por outro lado, uma esperança tão grande que nem a maior ambição consegue imaginar. Concorda comigo que Ferdinando morreu afogado?

- Sebastião - Morreu.
- Antonio - Então, me diga, quem é o outro herdeiro de Nápoles?
- Sebastião - Claribel.
- Antonio - Ela, que é Rainha de Túnis; ela, que mora pra lá do fim do mundo; ela, que quando receber notícias de Nápoles - e isso só se o sol servir de correio, porque São Jorge na lua é lento demais - os bebês de hoje já vão estar fazendo a barba; ela, por causa de quem o mar engoliu todos nós, apesar de ter devolvido alguns - nós, cujo destino agora é fazer uma peça na qual o passado é um prólogo e o futuro está nas suas mãos e nas minhas.
- Sebastião - Que história é essa? O que é que você está dizendo? É verdade que a filha do meu irmão é Rainha de Túnis, que é herdeira de Nápoles, e que entre as duas cidades há uma boa distância.
- Antonio - Distância que parece estar gritando, inteira: "Como é que Claribel vai me atravessar até Nápoles? Que fique em Túnis para Sebastião abrir os olhos." Digamos que fosse a morte, não o sono, que tivesse derrubado esses homens. Não estariam pior do que estão agora. Existe alguém que pode governar Nápoles tão bem quanto esse que dorme, nobres que podem matraquear tanto e tão inutilmente quanto esse Gonçalo; eu mesmo sou capaz dessa fala vazia. Ah, se pensasse como eu, como esse sono seria precioso para o seu progresso! Está me entendendo?
- Sebastião - Acho que sim.
- Antonio - E o que acha da sua sorte?
- Sebastião - Me lembro que você destronou seu irmão, Próspero.
- Antonio - É verdade. E olha como a roupa me cai bem, muito melhor que nele. Os criados do meu irmão eram iguais a mim, agora são meus criados.
- Sebastião - E a sua consciência?
- Antonio - Ah, Sebastião, onde é que ela se esconde? Se fosse um calo, me obrigava a usar chinelo, mas não sinto essa deusa no meu peito. Se houvesse vinte consciências entre eu e Milão, podiam todas derreter que eu pouco me incomodava! Olhe aí o seu irmão, que vale tanto quanto a terra onde dorme, se fosse o que parece ser agora - um morto. Que com este aço obediente, um pedacinho dele, posso fazer dormir para sempre. Enquanto você, assim, podia fechar para sempre os olhos desse presunto velho, esse Dom Prudência, que não poderia então censurar nossa atitude. Quanto aos outros, aceitam sugestões como um gatinho aceita leite: corrigem o próprio relógio de que a hora é certa para fazer tudo o que a gente disser.

Sebastião - Seu gesto, meu amigo, será o meu exemplo. Você ganhou Milão, eu ganharei Nápoles. Saque a sua espada - um golpe só te livra do tributo que tem de pagar e eu, o Rei, vou te amar para sempre.

Antonio - Sacamos juntos. E quando eu baixar a mão, você faz o mesmo em cima de Gonçalo.

Sebastião - Só uma coisa.

*Falam, à parte.*

*Entra Ariel, invisível, cantando e tocando.*

Ariel - Meu mestre, com a Arte que tem, previu o perigo que você, que é amigo, estava correndo e me mandou aqui, para que não fracasse o plano dele de manter vivos esses os dois.

*Canta no ouvido de Gonçalo.*

Enquanto você dormia  
A intriga progredia  
com toda a corda.  
Se ama a sua vida, irmão,  
Sacode o sono e atenção.  
Acorda, acorda!

Antonio - Então vamos os dois, depressa.

Gonçalo - *(acordando)* Que o anjo da guarda proteja o nosso Rei!

Alonso - *(acordando)* O que? Que foi isso? Acordem! *(os outros acordam. Para Antonio e Sebastião)* Por que essa espada? *(para Gonçalo)* Que cara é essa?

Gonçalo - O que foi que houve?

Sebastião - A gente estava aqui, de guarda, e ouviu, agora mesmo, um urro que parecia um touro, não, parecia mais um leão. Não foi isso que te acordou? Eu quase morri de medo.

Alonso - Não ouvi nada.

Antonio - Ah, era um estrondo monstruoso, fazia a terra tremer. Deve ser, decerto, uma família inteira de leões.

Alonso - Você escutou, Gonçalo?

Gonçalo - Palavra de honra, majestade, ouvi um zumbido e bem estranho, que me acordou. Aí, sacudi o senhor e gritei. Assim que abri os olhos, vi as espadas dos dois. Que houve



um barulho, houve, é verdade. É melhor ficar atento ou então sair daqui. E de armas na mão.

Alonso - Vá na frente, e vamos continuar procurando o meu filho.

Gonçalo - Que o céu proteja o menino dessas feras. Tenho certeza que ele está nesta ilha.

Alonso - Vá em frente.

*Saem todos, menos Ariel.*

Ariel - Meu amo Próspero tem de saber o que fiz. Vai, Rei, vai procurar o seu filho.

*Sai.*

Cena 2

*Entra Calibã com uma capa, carregando uma carga de lenha.*

Calibã - (*depositando a carga no chão*) Que toda doença que o sol chupa do charco, do brejo, da lama caia em cima de Próspero, devagarinho, ele ficar coberto de ferida!

*Ouve-se o trovão.*

Os espíritos dele estão me ouvindo, mas assim mesmo eu tenho de xingar. Mas eles só me beliscam, só me assustam, só me atolam na lama, só me desviam do caminho no escuro, se ele mandar. Qualquer coisinha estão em cima de mim. Às vezes feito macaco que guincha e grunhe e depois me morde. Depois feito porco-espinho, rolando na minha frente, me espetando o pé. Tem vez que é feito cobra que se enrola e me deixa louco, assobiando com aquela língua de duas pontas...

*Entra Trinculo.*

Olha lá, olha lá! Lá vem um espírito dos dele pra me atormentar porque estou demorando com a lenha. Se eu deitar aqui, ele não me vê.

*Deita-se e se cobre com a capa.*

Trinculo - Outra tempestade destilando e aqui não tem nem mato, nem moita pra gente se esconder. Olha ela cantando no vento. Aquela nuvona preta lá parece um barril sujo pronto pra derramar o vinho. Se trovejar que nem antes, não sei onde é que vou esconder a cabeça. Aquela nuvem lá, não tem jeito, vai chover canivete. (*vendo Calibã*) Que que é isso aqui? É gente ou é peixe? Tá morto ou vivo? Peixe, tem cheiro de peixe. Um cheiro amanhecido e bem de peixe mesmo. E não lá muito fresco. Peixe mais esquisito! Se fosse na Inglaterra, onde eu morava antes, era só pintar um peixe desses numa placa e um monte de bobo lá ia pagar um dinheirão pra ver. Lá, esse monstro aqui me fazia a vida - qualquer bicho esquisito faz a vida da gente lá. Não dão nem um vintém pra ajudar um mendigo manco, mas dão dez pra ver um índio morto. Tem perna de homem e nadadeira feito braço! E está quente, juro! Vou ter de mudar de idéia, não acho mais o que achava: isto aqui não é peixe, não. É algum nativo da ilha que deve ter morrido de raio. (*trovão*) Ai, ai, ai, lá vem tempestade de novo! Melhor me enfiar debaixo da capa dele - não tem outro abrigo por aqui. A miséria arranja cada parceiro de cama pra gente. Me escondo aqui até passar o aguaceiro.

*Engatinha para baixo da capa de Calibã.*

*Entra Estêvão cantando, com uma garrafa na mão.*

Estêvão - Não volto mais pro mar, pro mar,  
 Eu morro aqui em terra...  
 Música ruim pra cantar no meu enterro. Bom, tá aqui o meu consolo. (*bebe, canta*)  
 Todo marinheiro que é bacana,  
 até eu que sou grumete,  
 gosta da Moll e da Meg e da Anna,  
 mas ninguém gosta da Cathy.  
 Dormir com ela é uma luta:  
 "Vá se enforçar!", diz a ...  
 Não gosta de mastro de marinheiro,  
 Só sente coceira é com o costureiro.  
 Vamos pro mar, menina,  
 Ela que morra enforcada!

Essa também não serve, não, mas tá aqui o meu consolo. (*bebe*)

Calibã - (*para Trinculo*) Não me atormente! Ai!

Estêvão - Como é que é? Tem algum demônio aqui querendo me assustar feito índio selvagem? Hã? Eu não escapei de morrer afogado pra ter medo das tuas quatro pernas, tá ouvindo? Diz o ditado: “Homem que é homem não arreda das suas quatro pernas.” E assim será enquanto eu, Estêvão, respirar.

Calibã - O espírito está me atormentando. Ai, ai!

Estêvão - Deve ser algum monstro da ilha. De quatro patas. Vai ver pegou uma febre. Como é que será que aprendeu a minha língua? Só por isso, já merece consolo. Se conseguir curar e domar o monstro posso voltar pra Nápoles com ele. É um presente digno de rei.

Calibã - (*para Trinculo*) Não me atormente, eu suplico! Eu vou mais depressa com a lenha.

Estêvão - Deve estar tendo um ataque, não fala coisa com coisa. Vai provar da minha garrafa. Se nunca bebeu vinho antes, vai ver que sai desse estado. Se eu curo e amanso o bicho, ele não tem preço. Há de render um bom dinheiro pro dono.

Calibã - (*para Trinculo*) Até agora só me machucou um pouquinho, mas vai machucar mais, eu sei. porque está todo tremendo. E é por causa de Próspero.

Estêvão - Calma. Abra a boca - tá aqui uma coisa que vai te fazer bem. Abra a boca. Isso vai fazer você parar de tremer, garanto. (*Calibã bebe*) Aprenda quem é seu amigo - abra o focinho de novo.

Trinculo - Parece que conheço essa voz. Deve ser... não, ele morreu afogado. Deve ser um demônio. Ai, me acuda!

Estêvão - Quatro pernas, duas vozes: belo monstro! A voz da frente serve pra falar bem do amigo, a voz de traz pra falar mal, destratar. Vou curar o bicho, nem que acabe com o vinho. Bebe. (*Calibã torna a beber*) Amen! Agora a outra boca.

Trinculo - Estêvão!

Estêvão - Sabe o meu nome? Arreda, sai! Isso é um diabo, não um monstro. Vou-me embora que com o demônio eu não brinco.

Trinculo - Estêvão! Se for Estêvão toque aqui e fale comigo. Sou eu, Trinculo, não tenha medo, seu amigo Trinculo.

Estêvão - Se é Trinculo então saia daí. Vou puxar as pernas menores, se alguma delas é de Trinculo tem de ser essas aqui. (*Puxa-o de debaixo da capa*) É bem o Trinculo mesmo! Como é que virou bosta de monstro? Ele caga Trinculos?

Trinculo - Achei que tinha morrido de raio. Então, você não morreu afogado, Estêvão? Espero que não tenha se afogado mesmo. Já passou a tempestade? Eu me escondi debaixo da capa desse monstro de medo da chuva. E você está vivo, Estêvão? Ah, Estêvão, dois napolitanos escaparam!

*Gira com Estêvão.*

Estêvão - Arre! Pare de me sacudir. Meu estômago não está lá essas coisas.

Calibã - (*à parte*) Que beleza esses dois, se não são dois espíritos. É um belo deus esse que tem aquela bebida divina. Vou ajoelhar pra ele. (*Ajoelha-se*)

Estêvão - (*para Trinculo*) Como é que você escapou? Como é que veio parar aqui? Jure, pela garrafa como é que veio dar aqui... Eu me safei agarrado numa pipa de vinho que os marinheiros jogaram no mar. Juro por esta garrafa - que eu mesmo fiz com as minhas próprias mãos quando vim dar em terra.

Calibã - Juro por essa garrafa ser em tudo seu servidor, porque essa bebida não é deste mundo.

Estêvão - (*oferecendo a garrafa a Trinculo*) Vá. Conte como foi que escapou.

Trinculo - Nadei até a praia, como um pato. Sei nadar que nem um pato, juro.

Estêvão - Aí, beija a Bíblia. (*Trinculo bebe*) Nada como um pato, mas parece um ganso.

Trinculo - Ai, Estêvão, tem mais?

Estêvão - O barril cheio. A minha adega fica numa toca na praia, foi lá que escondi o vinho. (*Calibã se levanta*) E então, monstrengo, como vai a febre?

Calibã - Você caiu do céu?

Estêvão - Da lua, pode crer. Eu era São Jorge na lua, antes.

Calibã - Eu te vi lá e te adorei. A minha ama que me mostrou, com o cavalo e a lança.

Estêvão - Vai, jura: beija a Bíblia. Já já vou encher ela de novo. Jura.

*Calibã bebe.*

Trinculo - Credo. É um monstro bem idiota. E eu fiquei com medo dele? Que monstro mais fraco! Homem da lua? Acredita em tudo, o pobre. Belo trago, monstro, de verdade!

Calibã - (*para Estêvão*) Vou te mostrar tudo que tem de bom nesta ilha. E beijo os seus pés. Seja o meu deus, eu suplico.

Trinculo - Credo. Que monstro mais bêbado e falso. Quando o deus dele dormir, ele vai é passar a mão na garrafa.

Calibã - Te beijo os pés. Juro que te obedeço.

Estêvão - Venha cá, então. Ajoelhe e jure.

*Calibã se ajoelha.*

Trinculo - Vou morrer de rir com esse monstro de cabeça ôca. Que idiota! Dá vontade de bater nele.

Estêvão - Beija, vai.

*Calibã beija-lhe os pés.*

Trinculo - O monstro só pensa em beber. Que monstro mais vagabundo!

Calibã - Vou mostrar as fontes, trazer fruta, pesco pra você, pego lenha. Maldito o tirano do meu amo! Não levo mais lenha pra ele, não, só pra você, maravilha de homem.

Trinculo - Que monstro ridículo. Enxerga maravilha num coitado de bêbado!

Calibã - Deixa eu te levar no poço dos caranguejos. Tenho unha comprida, desenterro amendoim pra você, te mostro ninho de passarinho, te ensino a caçar macaco. Te levo no bosque de avelã, pego marisco das pedras. Vem comigo?

Estêvão - Vamos lá, mostre o caminho e não diga mais nada. Trinculo, como o Rei morreu junto com toda a nossa turma, isto aqui é tudo nosso. *(para Calibã)* Aí, leve a minha garrafa. A gente já já enche ela, Trinculo, meu amigo.

Calibã - Adeus, meu amo, adeus, adeus!

*(canta, bêbado)* Não preciso mais pescar

lenha, mais não

para o mandão,

nem cavar nem esfregar.

Ban, Ban, Ca-Calibã

Tem amo novo - Agora, ache outro!

Livre, folgado! Folgado, livre! Livre, folgado, livre!

Estêvão - Ah, meu belo monstro! Mostre o caminho!

*Saem.*

Ato III

Cena 1

*Entra Ferdinando, carregando um tronco.*

Ferdinando - Alguns esportes são duros, mas é o próprio esforço que nos dá prazer; algumas coisas baixas a gente suporta com nobreza; e até uma humilhação pode ter um objetivo maior. Este trabalho pesado podia ser mesquinho e odioso, mas a deusa que eu estou servindo dá vida ao que seria morte e transforma o esforço em prazer. Ah, ela é cem vezes mais doce que aquele pai rabugento e bravo. Carregar milhares de troncos e empilhar um em cima do outro, foi essa a penosa tarefa que me deu. E ela chorou de me ver trabalhando. Disse que nunca um trabalho tão baixo foi feito por alguém tão nobre. Não posso me distrair assim, mas esses bons pensamentos até aliviam o esforço.

*Entram Miranda; e Próspero, que olha de longe.*

Miranda - Não trabalhe tanto. Queria que um raio tivesse acabado com esses troncos que você tem de empilhar! Ponha isso no chão, por favor, descanse. Quando essa lenha queimar, há de chorar por ter cansado você. Meu pai está ocupado, estudando. Por favor, descanse. Estamos livres por umas três horas.

Ferdinando - Ah, minha querida, o sol vai se pôr antes de eu terminar tudo o que tenho de fazer.

Miranda - Sente para descansar que eu carrego os troncos em seu lugar. Me dê isso aqui, eu levo para a pilha.

Ferdinando - Não, nunca. Prefiro eu quebrar as costas do que fazer você sofrer uma humilhação assim, enquanto eu, preguiçoso, não faço nada.

Miranda - Posso carregar tão bem quanto você; e com mais facilidade porque eu faria com toda a boa vontade e você não.

Prospero - (*à parte*) Coitadinha, já está contaminada! Essa visita é a prova.

Miranda - Parece tão cansado.

Ferdinando - Não, meu bem, a noite para mim é a manhã mais fresca quando está comigo. Quando eu rezar, quero dizer teu nome. Como é que se chama?

Miranda - Miranda. Ah, pai, desobedeci a tua ordem.

Ferdinando - Que eu passe a minha vida neste mundo admirando Miranda! Muitas mulheres olhei com meus melhores olhos e muitas vezes o que diziam me escravizava pelo ouvido. Por várias virtudes amei várias mulheres, às vezes com toda a minha alma, mas sempre algum defeito acabava brigando com suas maiores graças, e acabava tudo. Mas você, ah, você, tão perfeita e pura, deve ter sido criada só com a parte melhor de cada criatura.

Miranda - Não conheço nenhuma outra do meu sexo, não me lembro de nenhum rosto de mulher, a não ser o meu no meu espelho. E nem jamais vi qualquer outro que possa chamar de homem, além de você, meu amigo, e do meu pai. Não sei dizer como são outras feições do mundo. Mas juro pela minha pureza, que é a jóia do meu dote, que não quero para mim no mundo nenhum outro que não seja você. Nem posso imaginar qualquer outra forma de que eu possa gostar mais do que a sua. Mas estou falando demais, esquecendo o que meu pai mandou.

Ferdinando - Eu sou, Miranda, por nascimento, um príncipe. Acho até que rei - preferia que não! - e não devia aceitar esta escravidão que é como um inseto em minha boca. Ouça o que eu digo com toda a minha alma: no instante mesmo em que te vi, meu coração voou para perto do seu e ficou seu escravo. Só por você virei este paciente lenhador.

Miranda - Você me ama?

Ferdinando - Ah, céu, ah, terra, ouçam bem o que eu vou dizer. Marquem minha declaração com um bom sinal, se for verdade; e se não for, que eu receba todos os castigos. Eu, acima de tudo o que há no mundo, te amo, honro, estimo.

Miranda - (*chorando*) Que bobagem a minha: chorar pelo que me deixa feliz.

Prospero - (*à parte*) Que belo encontro de dois belos sentimentos! Que o céu derrame bênçãos sobre tudo o que brotar desses dois!

Ferdinando - (*para Miranda*) Por que está chorando?

Miranda - Pela minha covardia, que não ousa oferecer o que eu quero te dar e muito menos aceita receber aquilo que eu mais desejo. Mas tudo isso é bobagem e quanto mais se tenta esconder, mais volumoso fica. Sai, tímida esperteza! E que a mais pura inocência me ilumine! Sou sua mulher se você casar comigo. Se não, hei de morrer sua donzela. Talvez não me queira para sua companheira, então serei sua criada, queira você ou não.

Ferdinando - (*ajoelhando-se*) Minha rainha, querida, eu sou seu escravo.

Miranda - Meu marido, então?

Ferdinando - É. E com o coração te desejando tanto quanto a escravidão deseja a liberdade. Me dê a mão.

Miranda - Está aqui, com o meu coração dentro dela. Te vejo em meia hora!

Ferdinando - E para sempre!

*Saem Ferdinando e Miranda, separadamente.*

Prospero - Não posso estar tão contente quanto eles, mas nada pode me alegrar mais do que isso. Agora, de volta ao meu livro. Tenho muita coisa a fazer até a noite.

*Sai.*

Cena 2

*Entram Calibã, Estêvão e Trinculo.*

Estêvão - *(para Trinculo)* Não amole. Quando chegar no fundo, aí bebemos água, nem uma gota antes. Portanto, beba: criado-monstro, beba. A mim!

Trinculo - Criado-monstro! Que loucura esta ilha! Diz-que só tem cinco pessoas aqui: a gente é três. Se os outros dois forem como nós, o reino vem abaixo.

Estêvão - Beba, criado-monstro, estou mandando. Que olho você tem nessa cara.

Trinculo - E onde mais que ele podia ter olho? Belo monstro, se tivesse olho no rabo!

Estêvão - O meu monstro afogou a língua no vinho. Mas eu, nem o mar me afoga: nadei trinta e cinco léguas até chegar na praia, por essa luz que me alumia. Vai ser meu escudeiro-monstro ou meu porta-estandarte.

Trinculo - Escudeiro até pode ser, mas porta-estandarte como, se ele nem para de pé?

Estêvão - A gente não corre, não, monstro.

Trinculo - Nem anda. Vão ficar os dois deitados feito cachorro, e sem dizer nada.

Estêvão - Monstro, fale alguma coisa, prove que é um bom monstro.

Calibã - Como vai, alteza? Deixa eu lambar sua bota. Ele eu não obedeço, não. Ele não é valente.

Trinculo - Está mentindo, monstro burro. Estou pronto pra enfrentar até um mordomo. Seu peixe podre, já viu na sua vida alguém beber mais vinho do que eu bebi hoje? Vai mentir, vai, mistura de peixe e monstro?



- Calibã - *(para Estêvão)* Ele está caçoando de mim! O senhor deixa, amo?
- Trinculo - "Amo", ele disse? Monstro mais besta!
- Calibã - De novo, de novo. Morde ele, morde, até morrer, eu suplico.
- Estêvão - Trinculo, cale a boca. Se você amolar, eu, ó, na primeira árvore! O coitado do monstro é meu servo e não deve ser desrespeitado.
- Calibã - Agradeço, meu bom amo. Quer ouvir de novo o pedido que eu fiz?
- Estêvão - Claro. Ajoelhe e repita. Eu fico de pé e Trinculo também.

*Entra Ariel, invisível.*

- Calibã - Como eu já disse antes, fui dominado por um tirano, um feiticeiro, que me roubou a minha ilha.
- Ariel - Está mentindo.
- Calibã - *(para Trinculo)* Você que está mentindo, macaco, você! Queria que o meu amo aqui acabasse com você. Não estou mentindo, não.
- Estêvão - Trinculo, se você atrapalhar mais uma vez a história dele, eu te arranco os dentes.
- Trinculo - Mas eu não disse nada!
- Estêvão - Então, cale a boca. *(para Calibã)* Continue.
- Calibã - Foi com feitiçaria que ele me tirou a ilha. Tirou de mim. Se o senhor quiser me vingar dele - o senhor consegue, esse daí, não.
- Estêvão - Isso é verdade.
- Calibã - Aí o senhor fica rei e eu sirvo o senhor.
- Estêvão - E como é que a gente faz isso? Você me leva até ele?
- Calibã - Levo, levo, amo. Levo quando ele estiver dormindo e aí o senhor enfia um prego na cabeça dele.
- Ariel - Não leva, não. Está mentindo.
- Calibã - *(para Trinculo)* Peste! Desgraçado! *(para Estêvão)* Por favor, alteza, bata nele. Pegue a garrafa dele. Ele que beba água do mar, porque para ele eu não mostro onde é que fica a fonte, não.
- Estêvão - Trinculo, está se arriscando. Se interromper o monstro mais uma vez, eu perco a paciência e te deixo mais seco que um bacalhau seco.
- Trinculo - Que que eu fiz agora? Não fiz nada! Eu vou pra lá.
- Estêvão - Não disse que ele estava mentindo?
- Ariel - Está mentindo.

- Estêvão - Estou, é? Toma! (*Bate em Trinculo*) E minta de novo, se gostou dessa!
- Trinculo - Eu não menti nada! Está maluco? Está ouvindo coisas também? Droga de garrafa! É isso que a bebida faz com a gente. Pro inferno com o seu monstro e que o diabo te morda os dedos!
- Calibã - Ha, ha, ha!
- Estêvão - Agora, continue. (*para Trinculo*) Fique mais pra lá mesmo.
- Calibã - Bata nele mais. Aí eu bato também.
- Estêvão - (*para Trinculo*) Pra lá. (*para Calibã*) Vá, continue.
- Calibã - Bom, como eu disse, ele tem costume de dormir de tarde. Aí, o senhor pega ele, mas primeiro pega os livros. Amassa a cabeça dele com um tronco ou fura a barriga dele com uma estaca ou corta o pescoço dele com a faca. Não esqueça de pegar os livros primeiro de tudo. Sem os livros ele é um tonto que nem eu, não tem nenhum espírito pra mandar. Os espíritos não gostam dele, que nem eu. Mas queime só os livros dele, só. Ele tem uma porção de lindos utensílios, é assim que ele diz, que diz que vai botar na casa dele, quando tiver casa. O mais melhor de tudo é a filha dele. Ele diz que ninguém é mais bonita no mundo. Eu nunca vi mulher nenhuma, só a minha mãe, Sycorax. E ela é muito mais melhor que Sycorax.
- Estêvão - Tão linda assim?
- Calibã - É, amo. Vai ficar muito bem na sua cama. Garanto que é capaz de dar uma bela cria pro senhor.
- Estêvão - Monstro, vou matar esse homem. Eu e a filha vamos ser rei e rainha - Viva nós! - e você e Trinculo vão ser vice-reis. Gostou do plano, Trinculo?
- Trinculo - Ótimo.
- Estêvão - Me dê a mão. Desculpe eu te bater. Mas cuidado com o que diz.
- Calibã - Daqui meia hora ele já vai estar dormindo. Vai matar ele então?
- Estêvão - Vou. Por esta luz.
- Ariel - (*à parte*) Isso eu vou contar pro meu amo.
- Calibã - Estou contente. Estou gostando muito. Vamos fazer festa. Não quer cantar a música que me ensinou?
- Estêvão - Você pedindo, monstro, eu faço qualquer coisa. Venha, Trinculo, vamos cantar.  
(*cantam*) Brincar e vigiar  
E vigiar e brincar,  
O pensamento é livre.
- Calibã - Não é assim.

*Ariel toca a melodia com flauta e tambor.*

Estêvão - Que que é isso?

Trinculo - É a nossa música, tocada por Ninguém.

Estêvão - *(na direção de Ariel)* Se for homem apareça como homem, se for diabo, apareça como quiser.

Trinculo - Perdão pelos meus pecados!

Estêvão - Quem morre está quites. *(na direção de Ariel)* Apareça! Ai, misericórdia!

Calibã - Está com medo?

Estêvão - Eu, não, monstro.

Calibã - Não tenha medo, a ilha é cheia de barulho, de bulha, de música bonita, boa de ouvir e que não machuca. Tem vez que é uma porção de instrumento zunindo no meu ouvido; ou então, vozes que mesmo quando eu acabei de acordar, me fazem dormir de novo e aí, no sonho, parece que as nuvens abrem assim e mostram um tesouro pronto para cair em cima de mim e aí eu acordo e choro pra sonhar de novo.

Estêvão - Vai ser um reino bom pra mim, com música de graça.

Calibã - Quando Prospero morrer.

Estêvão - Daqui a pouco. Não esqueci, não.

*Ariel sai, tocando música.*

Trinculo - A música está indo embora. Vamos atrás, depois a gente faz o que tem de fazer.

Estêvão - Vá na frente, monstro, a gente segue. Queria enxergar esse flautista. É dos bons.

Trinculo - *(para Calibã)* Vai. Eu vou atrás de Estêvão.

*Saem.*

Cena 3

*Entram Alonso, Sebastião, Antonio, Gonçalo, Adriano, Francisco.*

Gonçalo - *(para Alonso)* Minha Nossa, eu não posso mais, majestade. Até os ossos me doem. Difícil essa caminhada cheia de retas e curvas! Tenha paciência, preciso descansar.

Alonso - É, meu velho, eu concordo. Estou tão cansado que nem consigo pensar direito. Sente-se e descanse. Estou perdendo a esperança que até agora me iludia. Deve estar afogado aquele que tanto procuramos. E o mar deve estar caçoando da nossa busca em terra. Que descanse em paz.

*Sentam-se.*

Antonio - *(para Sebastião)* Estou bem contente de ele ter perdido as esperanças. Não vá abandonar o plano só porque não deu certo da primeira vez.

Sebastião - *(à parte para Antonio)* A próxima chance nós aproveitamos.

Antonio - *(à parte para Sebastião)* Que seja esta noite. Vão estar tão cansados desta caminhada que não terão tanta vigilância quanto agora.

Sebastião - *(à parte para Antonio)* À noite então. E basta.

*Música estranha e solene. Entra Próspero no alto, invisível.*

Alonso - Que ruído é esse? Escutem!

Gonçalo - Música! Doce, maravilhosa!

*Entram espíritos de diversas formas estranhas trazendo uma mesa com um banquete, e dançam com suaves movimentos de saudação, convidando o rei e os outros a comer. E saem.*

Alonso - Que os anjos nos guardem! O que foi isso?

Sebastião - Uma pantomima! Agora acredito que existem unicórnios e que, na Arábia, uma árvore serve de trono para a fênix e que uma fênix reina neste instante.

Antonio - Eu acredito também. E tudo mais que existir de inacreditável, que venha a mim e eu juro que é verdade. Os viajantes nunca mentem apesar daqueles que ficam em casa desmentindo.

Gonçalo - Se eu contar isso em Nápoles, quem vai me acreditar? Se eu disser que vi essas criaturas da ilha - pois isso é o que devem ser - que apesar das formas monstruosas, tinham maneiras mais humanas do que se encontra em nossa geração quase inteira.

Prospero - *(à parte)* Disse bem, honesto nobre, pois alguns dos que estão aqui são piores que demônios.

- Alonso - Incríveis essas formas, esses gestos, a música... Mesmo sem dizer nada disseram o que queriam dizer.
- Prospero - (*à parte*) Espere para ver.
- Francisco - Sumiram de repente.
- Sebastião - Não tem importância, deixaram a comida. E nós temos fome. Alguém quer provar?
- Alonso - Eu não.
- Gonçalo - Confiança, majestade, não tenha medo. Quando a gente era criança quem iria acreditar que nas montanhas existia gente com papada, feito touro? Ou homens com a cabeça aqui no peito? E hoje em dia qualquer viajante confirma tudo isso.
- Alonso - Eu vou comer, nem que seja pela última vez. Não importa mais, o melhor já passou. Meu irmão, duque, comam comigo.

*Alonso, Sebastião e Antonio aproximam-se da mesa.*

*Trovões e relâmpagos.*

*Entra Ariel em forma de harpia, bate as asas sobre a mesa e com um truque engenhoso, o banquete desaparece.*

- Ariel - Três pecadores que o Destino, que governa este mundo vil e as coisas que nele há, mandou o mar cuspir na praia desta ilha onde não vive ninguém - vocês, que entre os homens não merecem viver. Eu enlouqueci vocês. E com essa coragem insana homens se enforcam e se afogam a si mesmos.

*Alonso, Sebastião e os outros sacam as espadas.*

Idiotas! Eu e meus companheiros somos ministros do Destino - os elementos que temperam suas espadas podem tentar cortar o vento, ou furar a água que corre, mas não podem tirar uma só pena da minha asa. Meus companheiros são também invulneráveis. E mesmo que pudessem ferir, suas espadas agora estão pesadas demais para as suas forças. Lembrem-se bem - isso é o que tenho a tratar com vocês - os três de Milão que destronaram Próspero, que jogaram no mar o pai e a filha inocente, por esse ato, a Justiça que tarda, mas não falta assanhou o mar e as praias e todas as criaturas contra vocês. Do teu filho te privou, Alonso e, por meu intermédio, uma lenta agonia pior do que a morte súbita, há de acompanhar passo a passo cada um de

vocês. E nesta ilha deserta não poderão escapar à ira sagrada a não ser que se arrependam e prometam levar uma vida limpa.

*Ele desaparece no meio de trovões. Então, com música suave, entram as formas de novo e dançam fazendo caretas e zombando e, levando a mesa do banquete, saem.*

Prospero - Fez muito bem a figura dessa harpia, meu Ariel; tinha uma graça devoradora. Não esqueceu de nada o que eu mandei dizer. Muito vivos e cheios de atenção foram também os meus espíritos menores nos papéis secundários. Meu alto encantamento funciona e esses meus inimigos se enrolam na sua própria confusão. Agora estão em meu poder. E nesse estado deixo todos, enquanto vou visitar o jovem Ferdinando, que acham que se afogou e que ele e eu amamos.

*Sai.*

Gonçalo - Em nome do que é mais sagrado, majestade, por que esse olhar estranho?

Alonso - Ai, que monstruosidade! Achei que as ondas me falavam, que os ventos cantavam para mim e que o trovão, como um órgão terrível, pronunciava o nome de Próspero e denunciava o meu crime. Por isso o meu filho jaz na lama e vou buscar por ele no abismo mais fundo do mar e lá, na lama, deitar para sempre ao lado dele.

*Sai.*

Sebastião - Um demônio por vez, enfrento as suas legiões todas.

Antonio - E eu luto ao seu lado.

*Saem Sebastião e Antonio.*

Gonçalo - Estão os três desesperados: a grande culpa, como um veneno que age muito tempo depois, começa agora a roer os seus espíritos. Peço a vocês que tem as juntas mais ágeis que sigam depressa atrás deles e impeçam o que essa loucura possa provocar.

Adriano - Vamos.

*Saem todos.*

Ato IV

Cena 1

*Entram Próspero, Ferdinando e Miranda.*

Prospero - *(para Ferdinando)* Se fui duro demais com você, receba agora a sua recompensa, pois nas tuas mãos entrego um têrço de toda a minha vida, a minha própria razão de viver. O que te fiz sofrer foi para provar o seu amor e com muito empenho você passou no teste. Agora, diante do céu, confirmo este meu rico presente. Ah, Ferdinando, não ria de mim porque elogio a minha filha, pois você mesmo vai descobrir que ela supera qualquer elogio.

Ferdinando - Eu acredito, contra tudo e todos.

Prospero - Então, como presente meu e merecida conquista sua, receba a minha filha. Mas se romper o seu laço de virgindade antes de celebrarmos com todos os ritos as cerimônias sagradas, não serão bênçãos que o céu fará chover para fecundar esse contrato, mas sim o ódio estéril, o desdém das lágrimas e a discórdia é que farão crescer ervas daninhas tão medonhas no seu leito que nele só acharão o ódio. Calma, portanto, e que a luz do amor, então, ilumine vocês dois.

Ferdinando - Como só espero dias sossegados, belos filhos e uma longa vida com nosso amor igual ao que é agora, nem o pior covil, nem o lugar mais oportuno, nem a tentação mais forte, nem o pior dos gênios jamais conseguirá dissolver em luxúria a minha honra, para roubar o ardor guardado para o dia em que desejarei que o sol não saia do horizonte ou que a noite seja acorrentada no céu.

Prospero - Disse bem. Agora sente-se e converse com ela, que é sua. Ah, Ariel! Meu esforçado servo Ariel!

*Entra Ariel.*

Ariel - O que deseja meu poderoso mestre? Estou aqui.

Prospero - Você e os seus companheiros trabalharam muito bem e vou precisar de todos para um outro serviço. Vá e traga aqui essa turba que eu coloquei sob o seu poder. Que venham depressa porque preciso exibir a este jovem casal um pouco da vaidade dessa minha arte. Eu prometi, eles esperam isso de mim.

Ariel - Agora?

Prospero - Num piscar de olhos.

Ariel - Antes que diga "venha" ou "vão",  
ou que respire e diga: "Então?"  
tropeçando, ai!, no dedão,  
trago todos pra confusão.  
Gosta de mim, mestre? Ou não?

Prospero - Muito, meu delicado Ariel. Não volte enquanto eu não te chamar.

Ariel - Entendi.

*Sai.*

Prospero - (*para Ferdinando*) Você seja fiel. Não solte as rédeas. O juramento mais sério é como palha no fogo da paixão. Tenha cuidado, senão, adeus promessa.

Ferdinando - Garanto ao senhor que o amor que tenho no meu coração é puro como a neve e esfria o fogo do meu corpo.

Prospero - Bom. Agora, meu Ariel, traga uma multidão e que não falte nenhum espírito. Apareça, depressa!

*Música suave.*

Línguas paradas! Olhos abertos! Silêncio!

*Entra Iris.*

Iris - Ceres, mão generosa que semeia,  
campos de trigo, de cevada e aveia;  
teus verdes montes onde os carneiros  
pastam serenos pelo ano inteiro;  
as tuas margens sempre tão floridas  
de lírios, narcisos e margaridas  
que as ninfas colhem pra suas coroas;  
teus bosques frescos cuja sombra boa,  
abriga o amante que chora de amor;  
as tuas vinhas do melhor sabor;



tuas praias; a Rainha do Céu,  
 que meu arco anuncia como um véu,  
 manda que esqueça esse seu reinado  
 e com sua graça enfeite este gramado,  
 onde ela vai pousar. Voem, pavões!

*A carruagem de Juno aparece, suspensa sobre o palco.*

Vem, Ceres, alegrar os corações.

*Entra (Ariel como) Ceres*

Ceres - Salve, Íris, mensageira obediente  
 da esposa de Júpiter potente;  
 que com suas asas cor de açafão  
 orvalha as flores ainda em botão;  
 que abraça com suas cores tão variadas  
 tanto os meus bosques quanto a terra arada,  
 qual rico manto que o meu corpo aninha:  
 por que me chama a sua rainha?

Iris - Pra celebrar um contrato amoroso  
 e dar aos dois um presente precioso.

Ceres - Está chegando a Rainha Altiva,  
 a Grande Juno majestosa. Viva!

*O carro de Juno desce até o palco.*

Juno - Como vai, irmã? Venha bendizer  
 comigo este casal que há de crescer  
 e se multiplicar.

*Ceres junta-se a Juno no carro que flutua sobre o palco. Cantam:*

Juno - Honra, riqueza e amor,

para sempre a seu favor,

Mil alegrias aos dois!

Juno abençoa os dois.

Ceres - Frutos da terra abundantes,  
os celeiros transbordantes,  
os vinhedos carregados,  
galhos de flores curvados,  
só primavera dourada,  
mesmo a colheita acabada!  
Nada falte a estes dois,  
Bênçãos de Ceres aos dois.

Ferdinando - Que visão majestosa! Cheia de encantamento. São espíritos, não são?

Prospero - Espíritos que com a minha arte invoquei dos confins para representar a minha fantasia.

Ferdinando - Me deixe viver aqui para sempre. Um pai tão maravilhoso e uma esposa fazem deste lugar o paraíso.

*Juno e Ceres cochicham e manda Iris em uma missão.*

Prospero - Silêncio agora, filho! Juno e Ceres estão cochichando. Alguma coisa mais vai acontecer. Quietos, mudos, senão o encanto se quebra.

Iris - Náíades, ninfas das águas correntes,  
coroas de algas, olhos inocentes,  
surjam da água fria e neste gramado,  
venham atender ao nosso chamado.  
Venham, líquidas ninfas, celebrar  
um puro amor que não pode esperar.

*Entram ninfas.*

Ceifadores que o sol queima e molesta,  
deixem os campos venham para a festa;  
Hoje é feriado, ponham seus chapéus,  
juntem-se às ninfas, envoltas em véus,

todos dançando.

*Entram camponeses, vestidos a caráter. Juntam-se às ninfas numa dança graciosa. Antes que terminem, Próspero se sobressalta e começa a falar. Em seguida, com um ruído cavo e confuso, desaparecem rapidamente.*

Prospero - *(à parte)* Tinha esquecido que o bestial Calibã e seus dois companheiros conspiram contra a minha vida. Esta quase na hora do seu crime. *(para os espíritos)* Muito bem. Agora chega. Basta.

*Juno e Ceres sobem no carro e os ceifadores saem.*

Ferdinando - Que estranho. Seu pai está muito perturbado.

Miranda - Nunca até hoje vi nele tanta raiva, tanto descontrole.

Prospero - *(para Ferdinando)* Parece perturbado, meu filho. Alegre-se. O nosso teatro agora terminou. Nossos atores, como eu te disse antes, eram espíritos e em ar se dissolveram, em puro ar. E como o tecido fugaz desta visão, também as torres que tocam as nuvens, os ricos palácios, os templos solenes, o próprio globo terrestre e tudo o que nele existe se dissolverá e igual a este festim insubstancial, não deixará vestígio algum. Nós somos feitos da matéria dos sonhos e a nossa miúda vida está envolta em sono. Filho, estou envergonhado. Perdoe a minha fraqueza, meu velho cérebro está perturbado. Não se perturbe com a minha enfermidade. Se quiser, vá descansar na gruta. Eu vou andar um pouco para me acalmar.

Ferdinando e Miranda - Fique em paz.

*Saem.*

Prospero - Venha depressa! - Eu agradeço. - Ariel, venha!

*Entra Ariel.*

Ariel - Me curvo ao seu prazer. O que deseja?

Prospero - Espírito, temos de nos preparar para encontrar Calibã.

Ariel - Certo, meu mestre. Enquanto estava fazendo o papel de Ceres, pensei em te falar, mas tive medo que ficasse zangado.

Prospero - Diga de novo. Onde foi que deixou esses patifes?

Ariel - Já disse, amo, de tanta bebida estavam em ponto de bala. Tão valentes que batiam no vento por lhes soprar na cara e chutavam o chão por lhes beijar os pés. Mas sempre com o plano em mente. Então, toquei o meu tambor e como potros xucros espetaram as orelhas, arregalaram os olhos, levantaram o nariz como se farejassem a música. Tanto encantei os seus ouvidos que como bezerros me seguiram pelas urzes, pelas urtigas e espinheiros que picavam suas pernas. No fim, deixei os três naquela poça imunda atrás da sua gruta, enterrados até o pescoço, esperneando porque a lama grudava nos seus pés.

Prospero - Muito bem feito, meu passarinho. Continue ainda um pouco invisível. Vá lá buscar todas as bugigangas que encontrar, para servir de isca para pegar esses ladrões.

Ariel - Já vou, já vou.

*Sai.*

Prospero - Demônio, diabólica criatura imune à boa criação, com quem o meu esforço foi todo, todo perdido, perdido. E assim como, com a idade, seu corpo fica ainda mais feio, também sua mente se deforma. Vou infernizar a todos, até urrarem.

*Entra Ariel, carregado com roupas cintilantes, etc..*

Pendure nessa árvore.

*Próspero e Ariel ficam invisíveis.*

*Entram Calibã, Estêvão e Trinculo, todos molhados.*

Calibã - Pisem bem devagar para que nem a toupeira escute embaixo da terra. Estamos perto.

Estêvão - Ô monstro, a sua fada, que você disse que era inofensiva, fez a gente de bobo.

Trinculo - Monstro, estou cheirando mijo de cavalo e o meu nariz está ficando bravo.

Estêvão - O meu também. Tá ouvindo, monstro? Se eu me encher de você, veja bem...

Trinculo - Você é um monstro perdido.

- Calibã - Meu amo, acredite em mim, tenha paciência. O prêmio que te espera, vai compensar todo esse sacrifício. Fale baixo, está tudo quieto feito meia-noite.
- Trinculo - É, mas perder a garrafa na poça!
- Estêvão - Isso não foi só uma desgraça e uma vergonha, monstro, mas principalmente uma perda infinita.
- Trinculo - Pior do que estar molhado. E esse monstro ainda diz que a fada é inofensiva!
- Estêvão - Eu vou achar a garrafa nem que morra afogado.
- Calibã - Eu suplico, meu rei, fique quieto. Tá vendo ali? É a boca da gruta. Entre sem barulho. Cometa logo esse crime bom que vai fazer esta ilha ser sua para sempre e eu, seu Calibã, lamber seus pés pra sempre.
- Estêvão - Me dê a mão. Estou mesmo começando a pensar em sangue.
- Trinculo - Ó, rei Estêvão! Ó, nobre! Ó, valente Estêvão - olha só o guarda-roupa que está à sua espera!
- Calibã - Deixe isso aí, idiota. É tudo lixo.
- Trinculo - Ô, monstro, a gente sabe o que é lixo.

*Tira da árvore uma roupa e veste.*

Ó, Rei Estêvão!

- Estêvão - Tire essa roupa, Trinculo. (*Agarra a roupa*) Por essa luz, essa é minha.
- Trinculo - Pronto, majestade, é sua.
- Calibã - Morra de sede, desgraçado! Por que gosta tanto dessas bugigangas? Deixe isso aí e vá matar primeiro. Se ele acordar nos enche de picadas dos pés à cabeça, nós é que viramos bugiganga.
- Estêvão - Quietos, monstro. Dona árvore, esse não é o meu gibão? (*pega a roupa da árvore*) Pronto, caiu da árvore o gibão maduro. Agora é só cascar em vez de descascar.
- Trinculo - É, é. Roubando fruta, sua majestade até que é desfrutável.
- estêvão - Agradeço a piada: tá aqui uma roupa por ela.

*Pega uma roupa da árvore e dá para Trinculo.*

Enquanto eu for rei desta ilha, nenhuma graça vai ser feita de graça. Desfrutável é boa.

*Pega outra roupa e dá a ele.*

Eu agradeço. Pegue mais esta.

Trinculo - Vamos, monstrengo, passe cola no dedo e grude uma também.

Calibã - Não tenho nada com isso. Estamos perdendo tempo e ele vai transformar a gente em ganso, em macaco cabeludo.

Estêvão - Pegue logo, monstro. Ajude a levar isto aqui pra guardar junto com o vinho, senão te expulso do meu reino. Vamos, pegue logo.

Trinculo - Isto aqui também.

Estêvão - E mais isto.

*Entregam a Calibã as roupas restantes. Ouve-se barulho de caçadores. Entram diversos espíritos com a forma de cães, perseguindo os três, estimulados por Próspero e Ariel.*

Prospero - Pega, Gigante, pega!

Ariel - Isca, Silver! Isca!

Prospero - Fúria, Fúria! Vai Tirano! Vai! Agora, escute.

*Saem, perseguidos, Calibã, Estêvão e Trinculo.*

Encarregue os meus duendes de moer as juntas deles de pontadas, de encurtar os seus tendões com as câimbras da velhice e que fiquem mais cheios de manchas roxas do que o leopardo e o gato do mato.

Ariel - Escute como eles uivam.

Prospero - Que sejam caçados sem descanso. Agora já estão em meu poder todos os meus inimigos. Logo estará terminada a minha obra e você vai ser tão livre quanto o vento. Fique só mais um pouco e me sirva.

*Saem.*

Ato V

Cena 1

*Entra Próspero com o seu manto mágico, seguido de Ariel.*

Prospero - Minha obra agora entra em ebulição. Que não me falhem as fórmulas, nem me fraqueje o espírito e o Tempo siga direito a sua marcha. Que horas são?

Afriel - Seis. Hora, meu amo, em que o senhor disse que acabaria o trabalho.

Prospero - Foi, sim, foi o que eu disse ao levantar a tempestade. Me diga, espírito, como estão o Rei e os nobres?

Ariel - Presos todos juntos, como o senhor mandou, do jeito que o senhor deixou, no bosque que protege do vento a sua gruta. Não podem sair de lá sem sua ordem. O Rei, o irmão dele e o seu irmão, continuam os três bem perturbados e os outros choram por eles, tristes e desanimados. Mas sobretudo aquele que o senhor chamou de bom e velho nobre, Gonçalo, derrama lágrimas que parecem a chuva pingando do telhado. O seu encantamento é tão forte sobre eles que se visse eles agora ia abrandar seu coração.

Prospero - Você acha, espírito?

Ariel - O meu coração amolecia, amo, se eu fosse humano.

Prospero - Pois é o que vai acontecer com o meu. Se você, que é feito de ar, percebe um toque, um sopro do que eles sofrem, por que eu, que sou da mesma espécie deles, que sinto tudo com a mesma paixão deles, não ficaria ainda mais comovido? Apesar de, com os seus crimes, terem me tocado fundo, minha razão vence da minha fúria. A ação mais nobre está na virtude e não na vingança. Eles estando arrependidos, o intento principal da minha obra terá esgotado a minha raiva. Vá, liberte todos, Ariel. Vou desfazer o encantamento, devolver a eles os sentidos e vão voltar a si.

Ariel - Já volto com eles, amo.

*Sai.*

*Prospero traça, com sua vara, um círculo mágico no palco.*

Prospero - Lobos das montanhas, riachos, lagos, bosques e todos que sem deixar pegadas perseguem nas areias as marés; duendes que à meia-noite dançam manchando os pastos que os carneiros não comem; seres que se divertem brotando cogumelos da meia-noite à aurora, com a sua ajuda - por mais fracos servidores que sejam - eu

apaguei o sol do meio-dia, invoquei os ventos rebeldes, pus em guerra o verde do mar contra o azul do firmamento; ao tremor do trovão eu juntei fogo e fendi o carvalho de Júpiter com os seus próprios raios; eu sacudi os altos montes e arranquei pelas raízes o pinheiro e o cedro. Os túmulos, à minha ordem, despertaram os que neles dormiam, se abriram e deixaram que saíssem pela minha arte poderosa. A essa rústica magia agora eu renuncio. E depois que pedir música celeste - que peço agora - para obrar na alma deles o meu aéreo encantamento, eu quebro a minha vara e enterro no fundo da terra e ainda mais fundo afogo o meu livro no abismo do mar.

*Música solene.*

*Entra primeiro Ariel; depois Alonso, com gestos frenéticos, cuidado por Gonçalo; Sebastião e Antonio da mesma forma, cuidados por Adriano e Francisco. Entram todos no círculo que Próspero desenhou e ali ficam, encantados. Próspero observa e fala.*

Prospero - Que a música solene, melhor remédio para a perturbação, cure a sua mente que ferve, inútil, na sua cabeça. Fique aí, por meu encanto imobilizado. Caro Gonçalo, homem honrado, meus olhos choram junto com os seus. - O encantamento se dissolve aos poucos e assim como a manhã vence a noite, dissolvendo as trevas, também os seus sentidos começam a desfazer a névoa de ignorância que embota a razão. - Gonçalo, meu verdadeiro salvador e nobre servidor, hei de lhe retribuir tanto em palavras como em atos! Com quanta crueldade, Alonso, você tratou a mim e a minha filha, com a ajuda do seu irmão. Sofra agora o seu castigo, Sebastião! Minha carne e sangue, você, meu irmão, que por ambição, renunciou ao remorso e à natureza e junto com Sebastião - cuja dor interna é a mais forte de todas - ia matar seu rei, eu te perdoo, mesmo monstruoso como é. - O entendimento começa a aflorar e, como a maré cheia, há de logo banhar a praia da razão, agora lamaçenta e suja. Nenhum deles ainda me vê nem reconhece. Ariel, vá buscar o meu chapéu e o florete.

*Ariel sai e retorna imediatamente.*

Vou trocar de roupa e me apresentar como era antes em Milão. Depressa, espírito!  
Logo, logo vai estar livre.

*Ariel canta e ajuda Prospero a se vestir.*



Ariel - Suga a abelha e sugo eu,  
 durmo em uma flor de mel  
 assim que a coruja pia;  
 o morcego é montaria  
 pra perseguir o verão  
 feliz serei agora, liberado,  
 entre os botões do ramo carregado.

Prospero - Esse é o meu doce Ariel! Vou sentir sua falta, mas mesmo assim vou te libertar.  
*(Arranjando a roupa)* Pronto, pronto, pronto. Vá ao navio do Rei, assim invisível como está. Vai encontrar lá os marinheiros dormindo no porão. Estando acordados o capitão e o contramestre, traga os dois aqui. Já! Vai!

Ariel - Vou bebendo o ar e volto antes do seu coração bater duas vezes.

*Sai.*

Gonçalo - Todo tormento, surpresa, confusão e encantamento habita este lugar. Que algum poder celeste nos tire desta ilha!

Prospero - Aqui está, senhor Rei, o destronado Duque de Milão, Próspero. Para que não reste dúvida que é um nobre vivo que lhe fala agora, abraço o seu corpo.

*Abraça Alonso.*

E dou a todos minhas boas vindas.

Alonso - Se é mesmo ele ou alguma aparição para me confundir mais do que já estou confuso, eu não sei. Seu pulso bate como se fosse carne e sangue e desde que te vi, acalma-se a aflição da minha mente, pois acho que estava louco. Se for mesmo ele, esta é uma história incrível. Renuncio ao seu reino e imploro que perdoe os meus crimes. Mas como pode Próspero estar vivo e aqui?

Prospero - *(para Gonçalo)* Primeiro, nobre amigo, me deixe abraçar a sua honesta idade, cuja honra não pode ser medida.

*Abraça Gonçalo.*

- Gonçalo - Não posso jurar se isto é verdade ou não.
- Prospero - Ainda sentem o gosto das doces ilusões da ilha, que não lhes deixa acreditar de todo. Bem-vindos, meus amigos, todos! (*à parte para Sebastião e Antonio*) Vocês, se eu quisesse, podia expor à fúria do Rei e provar que são traidores. Mas não vou dizer nada agora.
- Sebastião - (*à parte*) É o diabo que fala por ele!
- Prospero - Não. Você, perverso cavalheiro, que se eu chamasse de irmão me envenenaria a boca, eu te perdoo dos teus piores crimes - todos - e exijo o meu reino de volta, pois queira ou não queira vai ter de devolver.
- Alonso - Se é mesmo Próspero, nos dê detalhes da sua salvação, como nos encontrou aqui, nós, que há três horas estávamos naufragados nestas praias, onde eu perdi - como é dolorida essa lembrança! - meu filho querido, Ferdinando.
- Prospero - Eu sinto muito.
- Alonso - A perda é irreparável. Mesmo a paciência me diz que não pode me consolar.
- Prospero - Talvez não tenha pedido a ajuda dela, pois eu sofri perda semelhante e ela com suas graças me consolou.
- Alonso - Você, perda semelhante?
- Prospero - Tão grande e tão recente quanto a sua. E para tornar a perda suportável, tenho eu meios muito mais fracos do que os que tem o senhor. Perdi minha filha.
- Alonso - Uma filha? Ah, céus, queria que estivessem os dois vivos em Nápoles, rei e rainha lá!, se pudesse trocar de lugar com o meu filho em seu leito de lama. Quando perdeu sua filha?
- Prospero - Nesta última tempestade. Percebo que estes cavalheiros ficaram tão admirados com este encontro que me devoram com a razão, não acreditam na verdade do que enxergam e mal conseguem soprar palavras. Por mais que tenham perdido os seus sentidos, podem estar certos que eu sou Próspero, aquele mesmo Duque de Milão, o próprio, que nestas praias onde vocês naufragaram, veio dar para ser senhor da ilha. Mas chega dessa história que precisa de muitos dias para ser contada. Bem-vindo, meu senhjør, esta gruta é minha corte. Aqui tenho poucos servos e nenhum súdito. Venha dar uma olhada, por favor. O meu ducado que agora me devolveu, eu retribuirei com uma maravilha que vai deixar o senhor tão admirado quando o meu ducado me deixou.

*Próspero desvenda Ferdinando e Miranda jogando xadrezs.*

Miranda - Está trapaceando, meu querido.

Ferdinando - Não, meu amor, por nada deste mundo.

Miranda - Estava, sim. Por meia dúzia de reinos você era capaz de me enganar e eu ainda acharia honesto.

Alonso - Se for ainda outra visão da ilha, o meu bom filho eu perderei outra vez.

Sebastião - É um milagre!

Ferdinando - (*avançando*) O mar ameaça, mas é generoso. e eu não tinha porque amaldiçoar.

*Ajoelha-se diante de Alonso.*

Alonso - Que todas as bênçãos de um pai feliz estejam sobre você. Levante agora e conte como é que veio até aqui.

*Ferdinando levanta-se.*

Miranda - Que maravilha! Que belas criaturas! Como é bonita a humanidade! Ah, admirável mundo novo onde existe gente assim!

Prospero - Novo para você.

Alonso - Essa moça com quem estava jogando, o que é? Não se conhecem há mais do que três horas. Será a deusa que nos separou e assim nos reuniu?

Ferdinando - Pai, ela é mortal, mas pela imortal providência agora é minha. Fiz minha escolha quando não podia pedir conselho ao meu pai, porque pensei que já não tinha mais pai. É filha desse famoso Duque de Milão, de quem eu sempre ouvi tanto falar, mas nunca tinha visto antes. Dele eu recebi uma segunda vida; e esta moça faz dele um segundo pai para mim.

Alonso - E eu para ela. Ah, que estranho eu ter de pedir perdão à minha filha!

Prospero - Aí já basta, majestade. Não vamos sobrecarregar nossa lembrança com um peso que já se acabou.

Gonçalo - Se não estivesse chorando por dentro, eu já teria dito assim: deuses, olhem cá para baixo e sobre este casal pousem uma coroa abençoada; os deuses é que guiaram o nosso caminho até aqui.

Alonso - Amén, Gonçalo.

Gonçalo - Terá Milão sido expulso de Milão para que os seus descendentes fossem reis de Nápoles? Ah, isso é mais que uma alegria apenas e deve ser gravado em ouro! Numa só viagem Claribel achou marido em Túnis e Ferdinando, seu irmão, achou esposa onde ele próprio se perdeu, Próspero achou seu ducado numa pobre ilha e nós achamos a nós mesmos depois de termos nos perdido.

Alonso - *(para Ferdinando e Miranda)* Me dêem as mãos. Que o remorso e a tristeza torture ainda o coração de quem não lhes desejar alegria!

Gonçalo - Assim seja, amén.

*Entra Ariel, seguido pelo Capitão e pelo Contramestre atordoados.*

Ah, olhe, majestade, olhe, mais outros dos nossos! Eu bem que profetizei que se houvesse uma força em terra esse sujeito não morria afogado. *(para o Contramestre)* Então, blasfemador, que com teus palavrões jogou no mar a graça divina, já não blasfema em terra? Perdeu a língua? Não diz nada?

Contramestre - Digo que é muito bom encontrar a salvo o Rei e os seus nobres. E digo mais: o nosso navio que não faz três horas se rompeu e afundou, está de novo inteiro, limpo e brilhante, pronto pra navegar como de primeiro a gente saiu pro mar.

Ariel - *(para Próspero)* Mestre, fiz tudo isso desde que eu saí.

Prospero - *(à parte para Ariel)* Meu esperto espírito!

Alonso - Isso não é coisa natural e está ficando mais e mais estranho. Diga, como veio até aqui?

Contramestre - Se eu achasse que estava bem acordado, eu dizia pro senhor. Estava todo mundo dormindo feito morto e não se sabe como, amontoado no porão. Agora mesmo um barulho esquisito de corrente e uivo e guincho e ganido e mais uma porção de barulho, tudo medonho, acordou a gente e, na mesma hora, todo mundo livre, a roupa tão limpa quanto o nosso belo barco; o capitão estava dançando de contente quando, de repente, sim, senhor, a gente não estava mais com os outros e meio tonto veio dar aqui.

Ariel - *(à parte para Próspero)* Fiz bem?

Prospero - *(à parte para Ariel)* Muito, meu capricho. Vou te libertar.

Alonso - Ninguém jamais se viu num labirinto assim e essa história tem muita coisa que a natureza jamais produziu. Só um oráculo poderá explicar o que não entendemos.

Prospero - Meu Rei, não castigue a sua mente martelando na estranheza desta história. Na hora certa e com mais tempo livre, posso explicar tudo e tornar aceitável o que aconteceu. Até então, alegre-se porque está tudo bem. (*à parte para Ariel*) Venha, espírito. Liberte Calibã e os companheiros dele. Desfaça o encanto.

*Sai Ariel.*

Está melhor, meu rei? Do seu grupo ainda faltam alguns rapazes de que não se lembra.

*Entra Ariel, trazendo Calibã, Estêvão e Trinculo com as roupas roubadas.*

Estêvão - Cada um cuide do resto e que ninguém pense em si, porque é tudo o acaso. Coraggio, meu monstrengo, coraggio!

Trinculo - Se não me falha o meu olho, que bela cena estou vendo!

Calibã - Ah, Setebos, que belos espíritos. Que bonito está o meu amo! Tô com medo dele me castigar.

Sebastião - Ha, ha! O que é que é isso, Antonio? É pra vender?

Antonio - Parece. Um deles é peixe e sem dúvida vendável.

Prospero - Vejam os emblemas desses homens, meus nobres, e me digam quem são. Esse patife disforme, sua mãe era uma bruxa e tão poderosa que controlava a lua e as suas enchentes e marés com mais poder que ela própria. Esses três me roubaram e esse semi-diabo, bastardo do demônio, conspirou com eles para me matar. Dois deles são súditos seus. Essa cria das trevas eu reconheço minha.

Calibã - Vai me picar até a morte!

Alonso - Esse não é Estêvão, meu mordomo bêbado?

Sebastião - Está bêbado agora. Onde é que arranhou vinho?

Alonso - E Trinculo está trançando as pernas! Onde encontraram bebida para estar nesse estado?

Trinculo - Desde que vi o senhor pela última vez estou de molho e tanto que acho que não morro mais e se morrer não apodreço.

Sebastião - E então, Estêvão?

Estêvão - Ai, não encoste em mim. Não sou Estêvão, não, sou uma câimbra só.

Prospero - Então queria ser rei da ilha, patife?

- Estêvão - Rei dolorido, isso sim.
- Alonso - (*indicando Calibã*) É a coisa mais estranha que eu já vi.
- Prospero - É tão feio por dentro quanto por fora. Para a gruta, miserável. E leve seus companheiros também. Se quer que eu te perdoe, arrume tudo direito.
- Calibã - Arrumo, sim. Daqui pra frente eu vou ser mais sabido e faço tudo pra me perdoar. Fui muito burro, achei que esse bêbado era um deus e adorei o cretino!
- Prospero - Vai de uma vez.
- Alonso - Saíam. E deixem essas roupas onde encontraram.
- Sebastião - Ou de onde roubaram.

*Saem Calibã, Estêvão e Trinculo.*

- Prospero - Convido sua alteza e os seus nobres para entrar na minha gruta, onde podem passar esta noite, da qual uma parte eu vou ocupar contando coisas para que passe mais depressa: a história da minha vida e tudo o que aconteceu desde que cheguei a esta ilha. E de manhã vamos todos para o navio e, nele, para Nápoles, onde tenho a esperança de assistir o casamento solene destes nossos queridos, para daí me retirar à minha Milão, onde de cada três pensamentos, um será para a morte.
- Alonso - Quero ouvir a história da sua vida, que deve muito estranha.
- Prospero - Vou contar tudo e prometo a vocês mar calmo e vento bom e uma viagem tão rápida que logo alcançaremos o resto da frota. Isso tudo depende de você, meu Ariel, meu passarinho. Está livre, agora, seja feliz.

*Saem todos.*

Epílogo *falado por Próspero*

Todo o meu poder agora se acabou  
 E só minha própria força me restou.  
 Que não é muita. Agora, na verdade,  
 ou fico aqui, preso por sua vontade,  
 ou vou pra Nápoles. Peço que o meu fim,  
 agora que o ducado voltou pra mim  
 e, de coração, perdoei o usurpador,  
 não seja esta ilha. Peço, por favor,

que vocês me libertem desta prisão  
com a música das suas boas mãos.  
Que o sopro do seu riso me enfune as velas,  
senão perde o sentido a minha singela  
vontade de agradar. E tudo o que quero  
é a arte do encanto e o espírito sincero.  
O desespero é a minha condenação  
se eu não for salvo pela sua oração,  
arma tão forte que até aos deuses assalta  
e deles arranca o perdão das faltas.  
Se dos seus erros são perdoados assim,  
que a sua indulgência me liberte a mim.

Fim

São Paulo outubro 1994